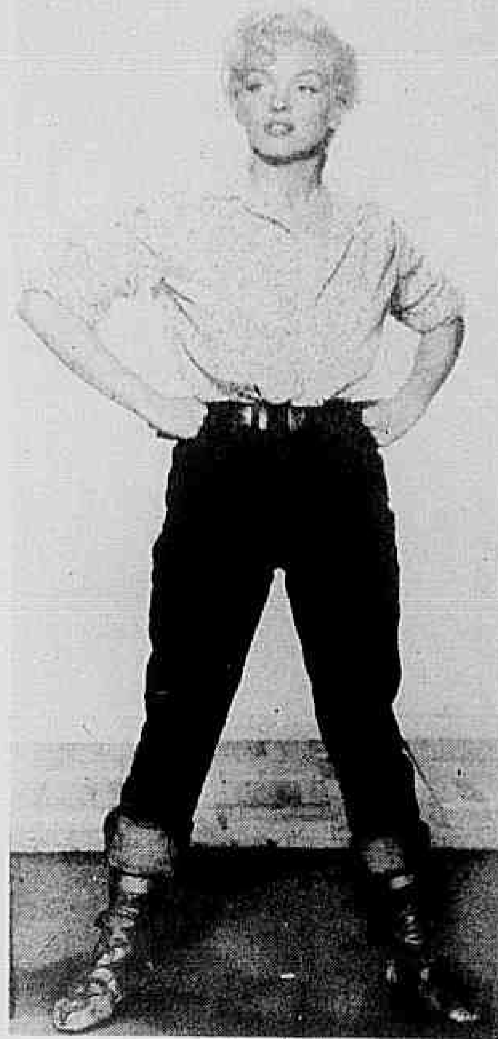
A CENA *Muda*



Nº 27 ★ 21-7-54
Cr$ 4,00 em todo o Brasil



MARILYN VAI PARA O OESTE...

A loura mais sensacional do cinema nestes últimos tempos — Marilyn Monroe — está filmando na Fox seu primeiro «far-west». Já disseram em Hollywood que para vencer os «homens maus» ela não necessita de revólver... Fulmina com a plástica...

A CENA Muda

BATE PAPO COM O LEITOR

Aqui estamos (novamente) prezado leitor para mais um bate-papo. É tarefa das mais agradáveis poder conversar com você antes que inicie a leitura de mais um número de sua revista de cinema.

É com prazer que lhe indicamos as reportagens por nós julgadas as mais interessantes, assim como as atrações reservadas para diverti-lo. Nosso espaço é limitado, passemos, pois, às indicações desta quinzena.

Comecemos pela principal reportagem desta edição, ou seja «O Mistério de Doris Day», escrita por Dorothy Shaw, famosa correspondente em Hollywood. Nela, Doris Day faz interessantíssimas revelações. Não deixem de ler em hipótese alguma!

——//——

«A Volta de Susan Ball» é outra curiosa reportagem desta edição com as primeiras fotos (exclusivas da sua revista) da querida «estrêla» nos estúdios de televisão. Também muito interessante é a reportagem sôbre Tony Curtis, narrando a história da vida dêsse «astro» que soube vencer à custa de muita perseverança.

Num grande esfôrço a sua revista de cinema inclui neste número a reportagem «Ela encontrou seu príncipe», sôbre o casamento de June Haver e Fred McMurray, assim como também está neste número a reportagem sôbre o novo casal da tela: Fernando Lamas - Arlene Dahl.

——//——

As leitoras adorarão ler o artigo de Elaine Stewart «Como atrair os homens», e não devem deixar de ler o artigo de Patrice Wymore no qual ela conta como começou sua vida artística e seu casamento com Errol Flynn. São atrações das páginas multicoloridas, que aliás estão abafando no Brasil inteiro. Porém, a grande atração das páginas multicoloridas é a reportagem ilustrada, «Glamour depois das 5», na qual Rhonda Flemming exibe estonteantes modelos para nossas queridas leitoras.

——//——

Estreamos neste número a nova seção que vocês devem gostar: «Você sabe beijar?», na qual estamparemos todas as quinzenas os mais sensacionais beijos da tela! Vale a pena ler também a reportagem «Première em Hollywood», com a presença de famosos «astros» e «estrêlas» do cinema. Errol Flynn é analisado pelo correspondente Russ Parker num palpitante artigo desta edição!

——//——

Despedimo-nos de todos vocês, recomendando que não deixem de ler o próximo número. Será preciso dizer que está mais sensacional, multicolorido e movimentado do que êste?

Redator «X»

SUMÁRIO

JULHO ★ 2ª QUINZENA ★ 21/7/54

REPORTAGENS MULTICOLORIDAS

Como atrair os homens (Elaine Stewart) 22/23
Glamour depois das cinco (Rhonda Flemming) 24/25
Minha vida é dançar! (Patrice Wymore) 26/27

REPORTAGENS ESPECIAIS

O Mistério de Doris Day 4/5
A volta de Susan Ball 11
Das sarjetas de Manhattan ao pináculo da fama 12/13
Ainda não sou feliz (Jane Powell) 16/17
Ela encontrou seu príncipe 20/21
A volta de Alberto Ruschell, o cangaceiro 28/29
Première em Hollywood 38/39
Balzaquiano (sim) porém ainda ágil (Errol Flynn) 44/45

SEÇÕES PERMANENTES

Flagrantes do cinema 6
Cine-biografias 8
Hollywood-Boulevard 8/9
Cine-test 9
Sessão Prévia 10
Vitrina de A CENA 14
Flash Europeu 15
Cinema Nacional em foco 18/19
As «estrêlas» falam de elegância e beleza 30/31
Cine-Passatempo 33
Ribalta 34/35
O Leitor diz o que pensa 37
Histórias que não foram filmadas 40/41
Rádio 41
Discos 43
O Glamour no cinema (Virginia Mayo) 46

VARIEDADES

Cante você também 7
Você sabe beijar? 7
Pequena História do cinema 16
Meu tipo inesquecível (Leslie Caron) 44
O Melhor de Cecile Aubry 46
Sempre Libertad 46

PROPRIEDADE DA:
COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

DIRETOR:
GRATULIANO BRITO

★

A CENA mantém correspondentes em Hollywood, Londres, Paris, Roma e na América do Sul. Acordos especiais e exclusivos com a «Press Cinema» e «Mondi Press».

ENDEREÇO

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro — Brasil.

Publicidade	22-9570
Redação	22-4447
Gerência	22-8647
Administração e Contabilidade	22-2550
Portaria	22-5602

Endereço Telegráfico: «REVISTA»

EM SÃO PAULO

Distribuição e Venda: A. Zambardino — R. Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569
Publicidade: W. Farinello — Rua S. Bento, 220, 3º andar — Telefone: 32-1512

PREÇOS
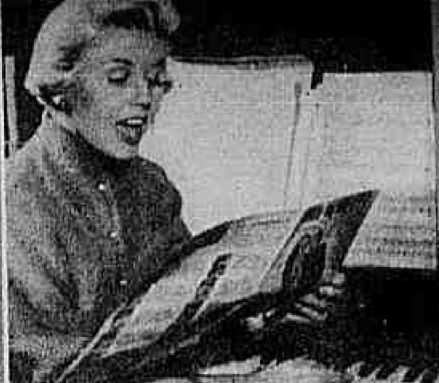
Número avulso em todo o território nacional	Cr$ 4,00
Número atrasado	Cr$ 5,00
Assinatura anual (26 números)	Cr$ 100,00
Assinatura semestral (13 números)	Cr$ 50,00
Assinatura anual sob registro	Cr$ 120,00
Assinatura semestral sob registro	Cr$ 60,00
Assinatura para o estrangeiro (anual)	Cr$ 180,00
Assinatura para o estrangeiro (semestral)	Cr$ 90,00

CAPA



Na capa desta edição a «estrelinha» da Warner, Jane Powell, de quem publicamos palpitantes revelações na reportagem do texto: «Ainda não sou feliz». Vale a pena ser lida!





O MISTÉRIO DE DÓRIS DAY

A WARNER CONVIDA 12 CORRESPONDENTES ESTRANGEIROS EM HOLLYWOOD PARA DECIFRAREM O ENIGMA DA SUA «ESTRÊLA» NA PRÓPRIA CASA DE DORIS DAY — HEROÍNA DE CONTOS DE FADA — A VERDADE SÔBRE A SUA DOENÇA MENTAL E FÍSICA — DA MAÇÃ DE OURO AO LIMÃO DO «WOMEN'S CLUB» — CANTORA POR UM ACIDENTE VERDADEIRO — UM «TEST» EM LÁGRIMAS PARA UMA COMÉDIA — DOIS CASAMENTOS FRACASSADOS E UM EM PLENO SUCESSO — MAS O MARIDO TERÁ QUE PEDI-LA «EMPRESTADA» À WARNER...

Por DOROTHY SHAW



Doris considera-se (outra vez) uma criatura feliz que já conseguiu tudo na vida: uma carreira de êxito, um espôso dedicado, um filho e uma mãe carinhosa. Acha, no entanto, que não merece tanta felicidade junta. Mas não tem razão...

Resumo de História

Era uma vez u'a menina que morava em Cincinatti, Ohio. Tinha o rosto coberto de sardas, nariz arrebitado, pernas compridas e desengonçadas como um moleque. Seu pai era um músico alemão e, sua mãe, u'a americana que adorava cozinhar. E a garôta chamava-se Doris Kappelhoff. E' neste ponto da história que deveria entrar a fada dos contos. Tinha que haver alguém empunhando uma varinha mágica se àquele trambolho de menina com todos êsses defeitos, estava destinada a se tornar uma "estrêla" cinematográfica. Mas acontece que a fada foi... ela mesma. A "Gata Borralheira" não precisou auxílio de ninguém e empunhou a sua própria varinha de condão! Seu maior guia foi sempre a grande coragem e a vontade de vencer. Mas depois que se tornou DORIS DAY, a famosa "estrêla" de cinema, a nossa "Cinderela" enfrentou o período mais negro da sua vida e fraquejou lamentàvelmente, acovardando-se ante a perspectiva de morrer...



À porta de sua residência em Westwood, em companhia do marido e agente, Marty Melcher.

DURANTE seis anos Doris Day espalhou o segrêdo da felicidade a Hollywood. Era a «estrêla» mais alegre da Warner Brothers, acolhendo a todos com um sorriso — humildes ou «big-shots», repórteres ou simples visitantes — e tinha sempre uma palavra amável e confortadora para com as pessoas ao seu redor. Era a atriz que mais cooperava com a imprensa, ganhando por duas vêzes consecutivas a célebre maçã de ouro do «Women's Press Club» de Hollywood. Êste ano, porém, o panorama sôbre Doris Day foi completamente modificado: a Warner começou fechando à imprensa o «set» do novo filme dela — «Lucky Me», um musical em «Cinemascope» — explicando que a «estrêla» se encontrava muito doente e não podia se fatigar com outras coisas, a não ser as naturais preocupações com a filmagem, en-

(Continua na página 32

A família Day «quase» reunida. O marido, Marty, o filho. Só falta a mamãe Kappelhoff... Doris reencontrou a felicidade e agradece a Deus por isso.



Sempre alegre, Doris Day submete-se a ensaios para uma cena de «Calamity Jane». O diretor David Butler estava sério, mas acabou rindo também...



A morena de óculos é Doris Day preparando-se para filmar uma cena de seu primeiro Cinemascope na Warner, «Lucky Me». Com ela, o inseparável sorriso...



Flagrantes do Cinema



★ A Fox encontrou petróleo nos fundos dos seus estúdios e está retirando 1.500 barris diàriamente. Tudo não passou de acidente, quando — por ocasião da filmagem de «Broken Lance» — o pessoal do estúdio teve de perfurar determinados lugares para a «construção» de um lago artificial. Darryl Zanuck declarou que ficou satisfeitíssimo com a descoberta e a Fox espera fazer mais dinheiro com petróleo do que com os próprios filmes...

★ O casamento de Betty Hutton e o coreógrafo Charles O' Curran foi mesmo por água abaixo! Betty — que se encontra afastada do cinema há dois anos — manifestou desejos de voltar à tela fazendo a biografia de Sophie Tucker, mas já não insiste em que o marido seja o diretor... Foi essa insistência que a levou a romper o contrato com a Paramount...

★ Continua com grande estardalhaço o processo de divórcio de Susan Hayward versus Jess Barker. Tôda a «roupa suja» da vida de casados durante 12 anos tem sido levada no Tribunal de Burbank onde Susan vem lutando como uma leoa a fim de não ser obrigada a dar ao marido 50% das propriedades e o dinheiro no Banco que conseguiu juntar graças ao seu trabalho no cinema. Jess — que sempre foi um ator medíocre e pràticamente desempregado — está se antipatizando na cidade com a sua insistência em ficar com metade dos ganhos da espôsa... E, além disso, há o fato (que motivou o pedido de divórcio) de ter êle espancado Susan e depois atirá-la nua na piscina da sua residência, quase tentando afogá-la!



★ «Em Hollywood — diz Bob Hope — os casais mais felizes são aquêles que estão separados...» E sôbre aquêle ator que tem uma espôsa de terceira dimensão, Bob explica: «Ela vem atirando coisas nêle desde que se casaram!»

★ A exemplo de Dick Powell, Charles Laughton, o rotundo ator de Hollywood, vai também dirigir e começará com «High Of The Hunter», que terá o «astro» Robert Mitchum no papel principal. Se tudo sair bem, talvez Laughton troque o seu lugar de «astro» consagrado pelo de diretor, pois, às vêzes, é melhor ficar mesmo por trás das câmaras...

★ Estava certo que com o sucesso de «Mogambo» a Metro Goldwyn Mayer reuniria novamente a dupla Clark Gable - Ava Gardner em «Green Fire» que é passado na Colômbia, país sul-americano. Com a saída de Clark da Metro, êle foi substituído por Stewart Granger e como êste não tem ainda cartaz imenso, sua «estrêla» não será Ava, e sim Eleanor Parker...

★ Gregory Peck desembarcou em Hollywood após dois anos de ausência, durante os quais estêve filmando na Europa e no Ceilão. Contudo, o querido galã recusou-se a tratar de negócios durante a sua curta permanência (10 dias) na cidade, alegando que viera apenas ver os filmes e solucionar o seu problema matrimonial. Como resultado, nenhum jornalista conseguiu entrevistá-lo, nem mesmo a celebérrima e notória Louella Parsons... Gregory regressou à Europa, a fim de filmar na Irlanda a produção de John Huston, «Moby Dick», para a Warner, prometendo voltar definitivamente a Hollywood em outubro próximo.





UMA ESTRÊLA DE TALENTO

DÉLIA SCALA não tem os atributos físicos de uma Pampanini, Lollobrigida ou Mangano, mas não perde para elas em talento interpretativo, o que já é bastante para quem possui um palminho de rosto encantador, uma personalidade marcante e uma altura que não ultrapassa do metro e cinqüenta. Seu nome projeta-se agora no cinema italiano por que seu talento de artista é predicado maior numa terra onde a arte cinematográfica não se mede apenas pela plástica, mesmo que assim possa parecer. O sofisticado que possa ter seu tipo vai por conta do fotógrafo que, como todo bom profissional da câmara, escolheu o melhor ângulo, a pose que poderia impressionar melhor e o retoque mais adequado... Acreditamos, assim mesmo, que Délia Scala de tais coisas não necessite para ser querida dos fãs e brilhar nos filmes de sua pátria.

GRANDE PRÊMIO BRASIL DE 1954



Domingo, 1 de Agôsto

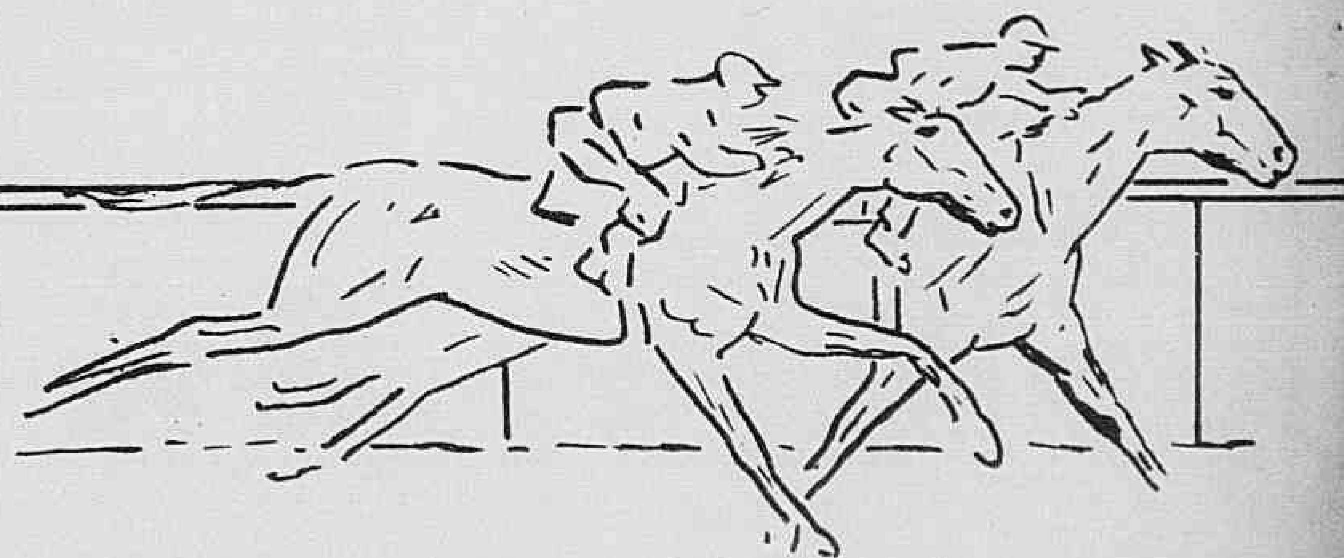
no

HIPÓDROMO
DA GÁVEA

Cr$ 1.500.000,00
ao vencedor



SWEEPSTAKE
Cr$ 20.000.000,00



TÊRÇA-FEIRA, 3 DE AGÔSTO
GRANDE CORRIDA NOTURNA COM
«BALLET» E FOGOS DE ARTIFÍCIO

JOCKEY CLUB BRASILEIRO

CINE *Biografias*



GINA LOLLOBRIGIDA — Com Silvana Pampanini forma a dupla de «estrêlas» sensacionais do moderno cinema italiano. Gina estudava como qualquer moça de sua idade e pensava mesmo em se dedicar ao lar quando terminasse o período de colégio. Muito linda e possuindo uma plástica estonteante, foi convidada a participar de alguns concursos de beleza, os quais venceu fàcilmente, ganhando em troca, não sòmente medalhas e taças, como também um bom número de admiradores. Foi em um dêsses concursos, em Stressa, que Gina foi vista e analisada por um produtor cinematográfico. Semanas depois estava em Roma interpretando seu primeiro filme. Hoje em dia é famosa no mundo inteiro e seu busto tem merecido elogios francos da imprensa nacional e estrangeira. «A Volta da Perdida» e «A Insatisfeita» são dois de seus últimos filmes.



JAMES MASON — James Mason é inglês de nascimento sendo sua cidade natal, Huddersfield. Nasceu a 5 de maio de 1909. Estudou em Cambridge e terminou arquiteto, porém o teatro já o fascinava e assim estreou nos palcos da Universidade, para em 1931 alcançar sucesso nos palcos de Londres. Quatro anos de carreira cheia de êxito no teatro, levaram-no ao cinema onde apareceu em 1935. Seu desempenho em «O Sétimo Véu» deu-lhe um contrato em Hollywood onde se encontra até hoje, desde 1946. James Mason é um homem culto, dedicado ao lar, havendo casado com a escritora e atriz Pamela Kellino e tendo com ela uma graciosa filha. Meson, geralmente, interpreta tipos de «homem mau», mas agrada-lhe outro gênero de papéis. Considerado um dos grandes atores entre os estrangeiros de Hollywood, recentemente provou seu talento em «O Prisioneiro de Zenda» e «Ratos do Deserto», êste último da Fox e ainda inédito no Brasil.

HOLLYWOOD *Boulevard*



Ann Miller está sempre mudando de companhia nas noites de Hollywood. Ei-la com o Dr. Al Mietus.

EM «Run for Cover», da Paramount, John Derek deveria receber um tiro na perna esquerda quando James Cagney disparava o revólver. Mas, um dia antes, John tropeçou num arbusto e caiu, ferindo a perna direita e começando a mancar. Desta forma, a Paramount chamou o autor do «script» e fê-lo mudar a história: agora John receberá o tiro na perna direita, a fim de aproveitar a sua «mancação» natural...

★

A maior surprêsa do ano foi, indiscutìvelmente, o casamento de Kirk Douglas com a **ilustre desconhecida** Anne Buydens. Kirk conheceu-a na Itália por ocasião da filmagem de «Ullysses», e trouxe-a a Hollywood quando veio filmar «20.000 Léguas Submarinas», para Wal Disney. Anne é francesa e foi a encarregada de publicidade do filme «Ullyssés», tendo conquistado o coração do «astro» que muita gente julgava invulnerável... Quem não ficou muito satisfeita com a história foi a jovem Pier Angeli que, dizem, até hoje alimenta uma certa **paixonite** pelo irresistível Kirk!

★

Bobby Curtis, um garôto de 13 anos, irmão de Tony Curtis, tem um bom papel em «Five Bridges to Cross», da Universal. Estão também no filme: Tony, Julia Adams e George Nader. Êste último foi o galã de Ursula Thiess em «Monsoon», e de Anne Baxter em «O Grande Espetáculo», sendo agora um dos novos «astros» mais cotados na Universal, pois substituiu Jeff Chandler quando o ator dos cabelos grisalhos recusou-se a filmar «Five Bridges to Cross».



Van Johnson foi cumprimentar o «astro Bob Taylor no seu casamento. Van é fã da beleza de Ursula Thiess.

★

O 50º aniversário de Hollywood em fins de 1953 passou em brancas nuvens, tal a confusão com os novos processos cinematográficos: 3-D, C-Scope, Cinerama, etc. Apenas a Câmara de Comércio alugou um edifício em Hollywood Boulevard, o qual cognominou de «Historama», realizando uma exposição retrospectiva da história do cinema americano. Mas a coisa foi tão mal organizada, que acabou fechando por falta de freqüência...

Gene Nelson deixou Jane Powell e passou a sair com Christine Martel, Miss Universo, 1954.



Ann Sheridan diz que não quer mais saber do cinema e, muito menos de Hollywood! A conhecida atriz americana acaba de comprar um «night-club» em Juarez, no México, ao qual pretende dedicar todo o seu tempo.

★

Jane Russell e seu marido Bob Waterfield registraram o título da «Russ-Field» Productions — a companhia que fundaram com a fusão do nome de ambos — e assinaram contrato com a United Artists para a produção de 6 filmes, três dos quais serão «estrelados» pela famosa atriz do busto sensacional! O contrato de Jane com o produtor HowardHughes terminou no mês passado e ela recusou-se a



Mamie Van Doren, rival de Marilyn, na noite em que foi eleita «Miss International Press». Com ela, o produtor Frank Ross



Durante as filmagens de «Hondo», John Wayne retoca a maquilage do coadjuvante Rodolfo Acosta.

renová-lo, a não ser que êle a deixasse livre para também produzir alguns filmes. Como represália, Hughes acaba de contratar novamente a jovem Sally Forrest — **descoberta** de Ida Lupino — para quem pretende iniciar uma campanha de publicidade tão sensacional como a que elevou Jane Russell ao «estrelato» há 13 anos atrás...

★

Bartley Crum — o advogado de Rita Wayworth — está em negociações com a Columbia para que permitam que a sua «estrêla» faça um filme no México com o marido Dick Haymes. **Gilda** alega que Dick necessita de dinheiro com urgência, a fim de saldar as suas dívidas, e que um produtor mexicano ofereceu 50.000 dólares **adiantados** a cada um dêles, se fizerem um filme juntos.

★

Steve Forrest, o jovem irmão de Dana Andrews que tão boa «performance» nos deu em «So Big», com Jane Wyman, acaba de receber a maior incumbência da sua curta, mas vitoriosa carreira: o papel de galã de Anne Baxter em «Sagrado e Profano», uma produção de Henry Berman para a Metro, a ser filmada em Paris. Steve está sob contrato nos estúdios da marca do Leão.



Vera-Ellen encontrou seu verdadeiro amor na pessoa de Richard Gully, assistente do produtor Jack L. Warner.

HOLLYWOOD Boulevard

Cine TEST

AOS LEITORES — O "Cine test" tem o intuito de divertir os fãs de cinema, instruindo-os sôbre a Sétima Arte. Aos concorrentes serão distribuídas, quinzenalmente, valiosas lembranças. Para o leitor que acertar os "tests" haverá uma compensação de Cr$ 100,00 (cem cruzeiros). As respostas ao "Cine Test", devem ser endereçadas para a redação de "A CENA" — Seção "Cine Test" — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro. Nome e endereço completos.

★

TESTE DE MEMÓRIA

1. — Em que ano e em qual estúdio Basil Rathbone começou a sua carreira cinematográfica?

2. — Onde nasceu a "estrêla" italiana Valentina Cortese?

3. — Qual o verdadeiro nome da "estrêla" Kathryn Grayson?

4. — Com quem é casado o astro Burt Lancaster?

5. — Qual foi o primeiro filme de Cyll Farney?

6. — Quantas vêzes se casou o astro Humphrey Bogart?

7. — Que filme inglês interpretou Bibi Ferreira e com quem?

8. — Em que ano Fred Astaire foi premiado pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood?

9. — Qual o verdadeiro nome da "estrelinha" Terry Moore?

10. — Qual a "estrêla" do filme "O Anjo Perdido"?

★



Dessa vez o cine-teste para os fisionomistas nos parece bem fácil. Na foto uma "estrêla" alemã e um astro novato. O filme foi realizado na Europa. Qual o nome do filme? Quem é êle? Quem é ela?

Sessão PRÉVIA



"UM LEÃO ESTÁ NAS RUAS" — James Cagney de volta interpretando a figura de um político demagogo cujas aventuras foram descritas em livro de mesmo título. O assunto é oportuno e Cagney reedita suas melhores atuações. O final do filme é imprevisto e violento e em todo o seu desenrolar, como espetáculo, a película oferece instantes dramáticos nos quais a figura de Cagney é predominante. Anne Francis está no elenco. Produção da Warner Bros.



"SABRINA" — O segundo filme de Audrey Hepburn em Hollywood após o sucesso de "A Princesa e o Plebeu". Muito mais nesse do que naquele, Audrey pôde revelar seu talento dramático e sua marcante personalidade como "estrêla" do cinema. Assunto forte e diferente, "Sabrina" tem ainda no "cast" William Holden, outro vencedor do "Oscar" que contracena admiràvelmente com Audrey nessa história que parece ter sido escrita para ambos. Produção da Paramount.



"DRUMS ACROS THE RIVER" — Audie Murphy novamente no gênero de oeste, numa história que conta (outra vez) como foi a luta entre índios e brancos pela posse de um vasto território. Audie Murphy sempre atua bem nesses argumentos, embora tenha confessado recentemente que desejaria tentar outro gênero. Enquanto fôr bilheteria (nesse) duvidamos que o estúdio o coloque em gênero diferente. "Drums Across the River" reúne no elenco, além de Audie, Walter Brennam, Lyle Bettger, Lisa Gay, Mara Corday (nova (estrêla), Morris Ankrum, Hug O'Brian e Regis Toomey. Produção da Universal. Em tecnicolor.

ACONTECEU NO CINEMA

★ Pedro Armendariz sofreu sério acidente durante as filmagens de "El Conquistador", película estrelada pelo conhecido astro mexicano, John Wayne e Susan Hayward. Suspeitam de que Armendariz tenha fraturado a espinha. O fato não foi confirmado até agora.

★ Clark Gable assinou contrato com a Fox para filmar "The Lady and the Lumberjack", com Marilyn Monroe. A imprensa hollydiana, porém, não aprova a combinação cinematográfica dos dois artistas, alegando que Gable parecerá pai de Marilyn na tela. Na realidade, êle poderia mesmo ter uma filha da idade dela, pois conta atualmente 53 anos, enquanto que a loira "atômica" tem apenas 28...

★ Anna Magnani é esperada em Hollywood em setembro próximo, afim de iniciar os ensaios para o filme "Rose Tatoo", com Burt Lancaster, a ser produzido pela Paramount. Trata-se da versão cinematográfica da escandalosíssima peça de Tennessee Williams...

★ Jane Russell virou profetiza: quando viu o "set" de "The French Line" representando um atelier de modas em Paris, ela ficou maravilhada e exclamou: "Oh, êste salão é digno de um rei!" Dois dias depois, desembarcava em Hollywood o Rei Paulo, da Grécia, e a RKO oferecia-lhe um almôço exatamente naquele "set"!

★ A Fox está chamando "Garden of Evil" o filme das controvérsias e oposições. Motivo: Susan Hayward anda à cavalo o tempo todo e... é alérgica à equitação; Gary Cooper tem de fumar cachimbo e, na vida real, só usa cigarros; Richard Widmark interpreta um jogador e... detesta baralhos; finalmente, Cameron Mitchell personifica um perito atirador, mas... tem verdadeiro pavor de armas de fogo...

CALVÍCIE PRECOCE
Como evita-la!
JUVENTUDE ALEXANDRE
Juventude Alexandre
BELEZA E VIGOR DOS CABELOS
Super eficaz contra
QUÉDA DOS CABELOS

A VOLTA DE SUZAN BALL



Suzan Ball e Richard Long aguardam ansiosos o momento de entrarem em cena na peça «I'll Never Love Again», televisionada pela CBS. A cadeira de rodas foi usada por Suzan durante os dois primeiros atos da peça, pois ela interpretou u'a moça paralítica. Mas, no final, ela sai andando com a sua perna mecânica, dando a impressão de que a personagem curou-se completamente.



Momentos antes de enfrentar as câmaras da televisão, Suzan Ball pratica andar com a perna mecânica pelo braço do seu marido Richard Long (à direita) e do diretor Richard Goode, que a convenceu a fazer a peça no vídeo.

APÓS um ano e meio de sofrimentos e incertezas, ao cabo do qual sofreu a amputação da perna direita marcada pelo câncer, a jovem "estrêla" Suzan Ball acaba de fazer a sua volta triunfal ao mundo artistico. O acontecimento teve lugar nos estúdios da CBS em Hollywood, quando Suzan e seu marido Richard Long apareceram juntos na pela "I'll Never Love Again", transmitida através da televisão. Esta peça conta a história de u'a moça paralítica e prêsa à uma cadeira de rodas, que consegue andar novamente graças ao homem que ama. "O tema está bem semelhante ao da minha vida real!" — declarou Suzan aos repórteres na noite da transmissão, relembrando que também conseguiu estrear a sua perna artificial no dia do seu casamento com Long, há dois meses atrás. Naquela ocasião, porém, ela ainda não havia adquirido completa prática no uso da perna e foi com penoso sacrifício que pôde se equilibrar na igreja. Agora, porém, após exercitar durante três semanas, Suzan Ball já está apta a caminhar com a perna mecânica e, no final da peça "I'll Never Love Again", deu aos espectadores a impressão exata de uma pessoa normal. A Universal-International — companhia a que Suzan se encontra prêsa e contrato — ficou tão entusiasmada com a "performance" da sua "estrêla" na televisão, que acaba de anunciar que Suzan voltará também ao cinema dentro de algumas semanas, quando, então enfrentará novamente as câmaras para um novo filme: "Chief Crazy Horse", com Victor Mature e John Lund. Embora ainda use as muletas na maior parte do tempo, Suzan Ball esclareceu que vem praticando pelo menos duas horas diárias com a perna artificial. "O mais difícil é aprender a subir as escadas", — disse a bela atriz, adiantando que possui três modelos de pernas mecânicas, cada uma delas de acôrdo com a altura dos seus saltos de sapatos. Richard Long — que, por sinal, está fazendo uma bela carreira de ator na Universal — declarou que se achava orgulhosíssimo da sua espôsa e profundamente feliz vendo-a de volta ao trabalho, pois sabe o quão importante para ela é a carreira artistica. E, assim, êsse casal de jovens apaixonados acaba de dar mais um exemplo de coragem e fôrça de vontade ao mundo comovido com tão grande amor numa terra em que "tudo é fita"...



DAS SARJETAS DE MANHATTAN, AOS PINÁCULOS DA FAMA!

TONY CURTIS PROVOCA FUROR ENTRE AS FÃS DO MUNDO INTEIRO — MAS O NOVO ÍDOLO FAZ QUESTÃO DE REVELAR SUA ORIGEM HUMILDE E DE TRABALHAR ÀRDUAMENTE PARA SE TORNAR UM BOM ATOR DRAMÁTICO — DOIS FILMES COM A ESPÔSA E O «BARULHO» PROVOCADO PELO SEU CORTE DE CABELO...

Por CÉLIA DE BRITO, correspondente brasileira em Hollywood.

O HERÓI DOS "CACHINHOS"

QUANDO uma pessoa, não familiarizada com os artistas cinematográficos, deseja comentar algo concernente a Tony Curtis, geralmente identifica-o como **aquêle belo rapaz de cachinhos caídos na testa**. De fato, os cabelos encaracolados de Tony tornaram-se uma espécie de marca-de-fábrica, tão própria da sua pessoa como o busto de Jane Russell, os olhos de Eddie Cantor ou o nariz de Jimmy Durante. Outros «astros» de Hollywood — como Farley Granger e Guy Madison — já haviam lançado a moda dos «cachinhos» na testa alguns anos antes de Tony, mas não haviam conseguido o mesmo efeito entre as fãs. No entanto, com o nosso herói êsse corte de cabelo não segue a moda, pois a verdade é que lhe será difícil desvencilhar-se do mesmo em qualquer época, como provou a recente tentativa que provocou protesto em massa das suas admiradoras de todo o país. A coisa passou-se da seguinte maneira: ao filmar «All American» — uma história de futebol americano — a Universal - International exigiu que Tony Curtis cortasse os cabelos à escovinha, exatamente como usam os jogadores profissionais. O «astro» obedeceu e, mesmo depois de terminada a película, continuou usando os cabelos bem aparados. Exibido o filme e constatando as fãs que, pessoalmente, êle também havia adotado o «crew haircut», choveram cartas ao estúdio que o tem sob contrato, protestando contra aquêle verdadeiro **paradoxo**: Tony Curtis sem os cachinhos na testa...

— Imagine você que **elas** ameaçaram até de boicotar «All American», pois não queriam que eu aparecesse com os cabelos cortados! — declarou-me Tony durante uma entrevista nos estúdios da Universal. — Exigiram que eu deixasse crescer novamente os cabelos e, como é o público que paga para assistir aos filmes, mantendo, conseqüentemente, o artista em cartaz, atendi logo ao apêlo, pois, quem sou eu para desafiar a ira das minhas próprias fãs?... Acho que, nós atores, temos uma grande obrigação moral para com o público e devemos atendê-lo na medida do possível. Só não concordo com **elas** numa coisa: em que eu deveria ter interpretado «All American» com os cabelos compridos! Onde já se viu um jogador de futebol correndo pelo campo com os cachos caindo-lhe pelos olhos e interceptando a sua visão?...

Tony Curtis é um rapaz sensato e honesto. Conheço-o desde que cheguei a Hollywood. Confesso que, até ser-lhe apresentada pessoalmente, tinha por êle uma verdadeira antipatia, oriunda das fotografias que via espalhadas nas revistas americanas e que o mostravam, invariàvelmente, em atitudes típicas de **garôto que sabe que é bonito**. Tinha a impressão de que, em pessoa, Tony era bastante afeminado e a criatura mais convencida do mundo... Qual não foi a minha surprêsa quando deparei com um rapaz esportivo, alegre, cordial, comunicativo e dono de uma simpatia irradiante nos menores gestos? Desde então, somos bons amigos e não deixei até hoje de visitar um só «set» de filmes feitos por Tony nos últimos dois anos. E durante todo êsse tempo, nunca percebi nêle atitude alguma que demonstrasse pretensão ou «estrelismo». É, sim, um jovem cheio de vida, amante de tôda a sorte de brincadeiras e divertimentos — e que procura interpretar os mais variados tipos de papéis, a fim de atingir, dentro de algum tempo, a outra fase da sua carreira que constitui a maior ambição da sua vida: a de um ator dramático na verdadeira acepção da palavra. Graças à escola de arte dramática da Universal, êle já é hoje um bom ator, mas não ainda à altura de um Montgomery Clift ou Gregory Peck.

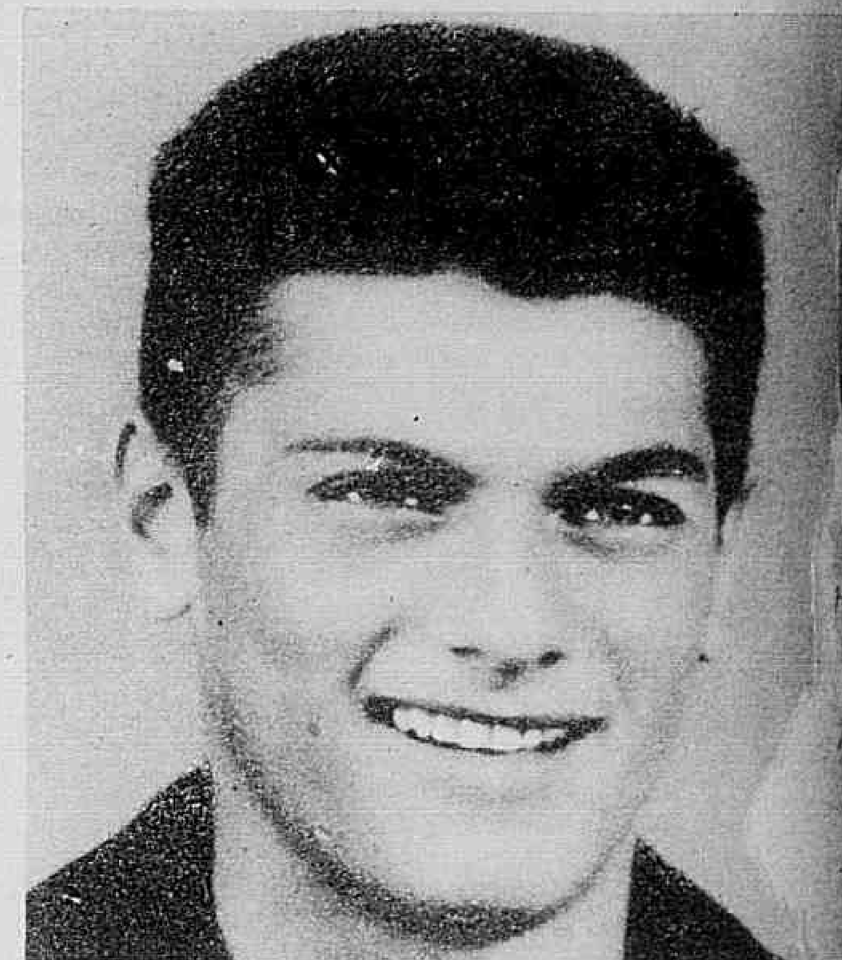
— E embora seja grato aos que me colocaram na posição de galã em Hollywood, quero trabalhar o mais possível, a fim de adquirir a necessária experiência para interpretar também papéis característicos.

Muita gente deverá estranhar tais ambições partidas de um rapaz bonito que já tem Hollywood a seus pés, mas Tony provou a seriedade dos seus propósitos na recente produção da Paramount: «Houdini». Nesse filme — em que tem como «estrêla» sua espôsa na vida real, Janet Leigh, Tony aparece numa cena caracterizado como um velho de 80 anos e — do meio para o fim da história — interpreta a fase madura do mágico Houdini, cuja vida a Paramount transportou para a tela. O jovem «astro» considera essa a maior oportunidade de sua carreira e seu trabalho sincero e correto fêz

(Cont. na pág. 14)



Tony Curtis e sua mãe, sra. Helen Schwartz, quando o galã da Universal nem sonhava com o cinema...



Tony Curtis quando estava servindo na Marinha dos Estados Unidos. Um acidente grave conduziu-o à fama...



Tony Curtis e sua espôsa Janet Leigh foram reunidos no filme da Paramount, «Houdini», biografia do famoso mágico.

Em «All American» — com Lori Nelson — Tony Curtis interpreta um herói do futebol americano. Êle está sem os cachinhos...



Uma pose romântica de Tony como as fãs gostam. A felizarda em seus braços é Joanne Dru e o filme é «Forbidden», da Universal.



Tony e Janet não perdem uma «première». Ei-los aqui conversando animadamente com Jeff Chandler.



Vitrina de "A CENA"

Reservamos para todos vocês muitas atrações em nosso próximo número. Podemos destacar, entre elas, a reportagem muticolorida sôbre Jeff Chandler, na qual o conhecido astro dos cabelos platinados é analisador por um correspondente em Hollywood que fará sensacionais revelações sôbre a vida íntima de Jeff, seu caso sentimental com Suzan Hayward e seu divórcio recente. Outra reportagem que vocês não devem deixar de ler é a intitulada "Shelley Winters voltou a sorrir, nas páginas multicoloridas, com um notável Kodacrhome (exclusivo de A CENA) da conhecida estrêla recentemente divorciada do astro italiano Vittorio Gassman. Fada Santoro, a encantadora "estrêlay do cinema brasileiro também aparece numa reportagem palpitante: — "Os desejos de uma Fada", na qual Gilmar Dias, o repórter mais entendido em cinema brasileiro, exclusivo desta revista, conta alguma coisa muito interessante da vida, carreira e sonhos da querida "estrêla" da Atlântida.


Gina: ela é o corpo e o busto...


Jeff: é um homem estranho...

Também Gina Lollobrigida, a bomba do cinema italiano, está nas páginas coloridas numa grande reportagem! Outra reportagem que vai agradar muito a vocês, é a que fala de Danny Kaye, o notável ator comico de Hollywood, embaixador das crianças junto à O. N. U. As "estrêlas de Hollywood darão outros conselhos de elegância e beleza às nossas leitoras. O "Cine test" e "Cine Passatempo" distribuirão outras notáveis lembranças aos que participarem de seus certames. Publicaremos reportagens sôbre Terry Moore "Uma Garôta Esportiva", nas páginas multicoloridas; Anne Francis, Guy Madison e outros luminares da tela. Não deixem de ler nosso próximo número! Recomendem "A CENA aos seus amigos. Êles também gostarão desta fase multicolorida!


Fada: revela seus desejos...

O HERÓI DOS "CACHINHOS"

(Continuação da pág. 13)

com que a Universal pensasse em aproveitá-lo melhor nos seus filmes. Outro fato que prova a honestidade de propósitos de Tony — sua firme determinação de trabalhar àrduamente para não continuar sendo **apenas um galã bonito** — é o que aconteceu durante a filmagem de "Houdini". A Paramount havia contratado um **double** para fazer as cenas de mágica por Tony, mas o "astro" — ao invés de usar os serviços do profissional — resolveu tomar lições com o mesmo, a fim dêle próprio poder realizar todos os truques. Assim — como o público constatou no filme — não houve **doublagem** alguma para as mágicas de Tony, a não ser os naturais cortes cinematográficos que facilitaram a correção de certos erros, perdoáveis em um não-profissional como êle que, afinal, aprendeu o **ofício** em apenas cinco semanas!

— Com mais algum treino, acho que serei capaz de ganhar a vida como mágico, quando me puseram para fora do cinema... — comenta Tony Curtis com o seu eterno sorriso que põe as fãs "nocaute".

Protesto contra tal absurdo, enquanto analiso-o cuidadosamente. Sim, Tony ainda tem um sólido futuro à sua frente! Na verdade, creio que — a exemplo de Robert Taylor e Tyrone Power — a fase dourada da sua carreira virá depois que passar dos 30 anos, pois — por enquanto — ainda possui uma expressão infantil nos seus brilhantes olhos azuis, que contrastam harmoniosamente com os encaracolados cabelos negros. Aliás, foi essa aparência romântica que fêz com que os publicistas do estúdio tentassem **pintá-lo** nas biografias como descendente de uma finíssima família húngara **que perdera todos os bens durante a guerra**...

— Nada disso! — protestou Tony. — Se fôr para vencer no cinema às custas de mentiras, desisto da idéia!

A biografia foi, então, modificada, segundo as informações do próprio "astro", que declarou ter nascido em Nova Iorque — na paupérrima "Hell's Kitchen", parte do bairro de Bronx — tendo sido criado nas ruas de Manhattan. Seu pai, Nono Schwartz, fôra um conhecido ator dos palcos de Budapest e viera para a América, a fim de tentar o teatro. Logo viu, que lhe seria dificílimo representar no idioma inglês e, para não morrer de fome, teve que se apegar a outra profissão: a de alfaiate. Nascido, pois, num ambiente bastante pobre — onde a luta pela simples sobrevivência era a preocupação dos pais de família — o franzino Bernard Schwartz (verdadeiro nome de Tony Curtis) desenvolveu seus músculos brigando com uma quadrilha de "gangsters" juvenis que dominava as sargetas de Manhattan, onde seu pai estabelecera a alfaiataria quando Tony inda engatinhava. Com essa **educação**, o nosso herói foi parar num reformatório para menores, lá permanecendo dos 12 aos 13 anos...

— Embora pareça incrível, êsse foi o melhor período da minha infância! — diz Tony, explicando o porquê da sua estranha afirmativa: No reformatório obrigaram-me a receber as lições de decência que eu me recusava a ouvir de meus pais. Conheci, então, o outro lado da vida e cheguei à conclusão de que era melhor ser herói do que vilão...

Tony matriculou-se na "Seward Park High School" de Nova Iorque, mas ainda não havia completado o colégio quando a guerra arrebentou. Alistou-se, assim mesmo, na Marinha, servindo a bordo do submarino **USS Dragonette**. Um dia, quando ajudava a carregar torpedos em Guam, uma pesada corrente atingiu-lhe as costas, ferindo-o na espinha. E durante quatro semanas, Tony estêve num leito de hospital, com ambas as pernas paralizadas. Mas, um tratamento posterior nos EE.UU. curou-o completamente. Ao regressar a Nova Iorque, ofereceram-lhe um curso gratuito em qualquer escola que desejasse. Tony optou pela Academia Dramática, a fim de se tornar o ator que seu pai não conseguira ser na América. A própria Academia proporcionou-lhe oportunidade de representar em peças encenadas pela Associação Cristã de Moços e pelo grupo de amadores de Greenwich Village. Foi durante uma dessas representações — quando Tony interpretava o papel do "golden boy" em "Conflito de Duas Almas" — que o Destino lhe bateu à porta. Robert Goldstein, então **caçador de talentos** da Universal, apresentou-se-lhe após o fim da peça e convidou-o para um "test" cinematográfico que foi feito ali mesmo em Nova Iorque. Duas semanas depois, Tony achava-se a bordo de um avião com destino a Hollywood, contratado por sete anos pela Universal-International! O estúdio colocou-o logo na sua escola dramática interna para o necessário treinamento cinematográfico e a sua primeira chance na tela veio alguns meses depois, quando lhe deram uma pontinha em "Baixeza", como o rapaz que dançava uma rumba com Yvone De Carlo. Mas, embora aparecesse apenas em um minuto do filme e não tivesse uma linha sequer de diálogo, Tony Curtis chamou imediatamente a atenção do público e cartas entusiásticas dos fãs provaram ao estúdio que um novo "astro" havia nascido no firmamento hollywoodiano. Outros pequenos papéis em "Almas Abandonadas", "E o Mulo Falou", "Traficantes da Morte" e "Winchester 73" — e o nosso herói viu-se elevado à categoria de "astro" absoluto, fazendo interessante dupla romântica com a jovem Piper Laurie nos filmes "O Príncipe Ladrão", "O Filho de Ali Babá" e "E o Noivo Voltou". Dizem as más línguas hollywoodianas que, embora formem um simpático casal na tela, Tony e Piper não se suportam na vida real. O estúdio, porém, prefere ignorar as divergências pessoais dos seus contratados e acaba de reunir novamente os dois jovens em "Johnny Dark", durante cuja filmagem visitei Tony recentemente, obtendo as declarações destas páginas. Êle confessou-me, então, a sua alegria em saber que, devido ao sucesso de "Houdini", a Universal pedira Janet Leigh **emprestada** à Metro para reuni-la outra vez com Tony num filme: "The Black Shield of Falworth". O fato é que o nosso herói ainda se mostra hoje tão apaixonado por Janet como quando a desposou há três anos atrás, após um **romance** que encantou tôda Hollywood. Até hoje, a única sombra no casamento de ambos foi quando Janet perdeu, há pouco, o filho que esperava com tanto entusiasmo.

— Mas, não se impressione: logo teremos outro a caminho! — diz-me Tony ajeitando os cachinhos que já começam a cair-lhe na testa, por imposição de Suas Majestades, as fãs...

UMA CERTA VIÚVA...

(Cont. da pág. 35)

mente. Por exemplo, as atrizes Vitório de Almeida e Joana D'Arc, embora vestindo-se com gôsto e elegância, movimenta-se demais em cena, e, levantam e abaixam os braços distendidos para frente e para cima, quase num ritmo de ginástica sueca, em cada frase que dizem, e, além do mais com má e falsa inflexão na voz... Jorge Diniz no ex-marido de Millie está uma displicência demasiada, não tendo um gesto, nem um olhar de curiosidade ou espanto nem um ligeiro momento de ciúme, mantendo-se completante frio e apático em excesso, por tudo que se vai desenrolando ao seu redor. Sérgio de Oliveira, no amigo da casa e amante oficial de Millie, e com a aprovação do ex-marido, entra na casa, movimenta-se e sai, de maneira muito grosseira e absoluta; como se estivesse num escritório comercial. Isso não é natural num milionário bem educado e, talvez um "gentleman". Dary Reis, em vez do feitio amoroso, próprio dos noivos, mesmo os que agem por interêsse financeiro, está arrogante e mal educado nas suas atitudes e maneiras.

O único que se salva, representando bem "é o novato Herval Rossano, que Dercy foi buscar no cinema nacional. Diz bem, com emoção e sinceridade, faltando-lhe ainda, é natural, maior desembaraço em cena.

Merece registro especial o belo cenário de Irênio Maia, representando uma sala moderna. — (A.A.)

Cupom «Escola de Corte e Costura São Paulo»

Nº 600 **Curso por Correspondência para Senhoras e Alfaiates**

——//——

À Escola de Corte e Costura «São Paulo» dos Métodos «VOGUE»

Rua José Vilagelim Júnior, 52 — Caixa Postal 838 — CAMPINAS
Estado de São Paulo

Peço enviar-me gratuitamente prospectos sôbre o ensino de « Artes e Modas », curso de Professôras e Contra-mestres.

NOME ....

RUA .... **Nº** ....

CIDADE .... **ESTADO** ....

FLASH EUROPEU



No moderno cinema italiano, a «estrêla» Carla Del Póggio, espôsa do grande diretor Alberto Lattuada, ocupa lugar de destaque mercê de seu inegável talento dramático. Carla é uma criatura completa, vivendo uma existência pontilhada de êxitos, que ela bem merece aliás!



Astro muito famoso no cinema francês, Fernandel é na atualidade um artista que vale milhões. Suas duas películas como Don Camillo, a brilhante criação de Guareschi, estão rendendo espantosamente nas bilheterias dos cinemas da França e Itália. Com isso, Fernandel está felicíssimo!



Quando estêve em São Paulo no recente Festival de Cinema, o brotinho do cinema italiano, Eleanora Ruffo, a todos encantou com a sua simplicidade, espontaneidade e graça de menina-moça. Seu trabalho no filme «A Rainha de Sabá» é uma demonstração de que estamos diante de uma verdadeira artista. E se falássemos dos olhos de Eleanora?



Antonella Lualdi é uma carinha nova do cinema italiano e já desponta como uma grande promessa de atriz dramática. Apareceu em «A Última Sentença» e agradou muito. Vem de ficar noiva do jovem astro Franco Interlenghi e tudo indica que se casarão breve.

NOTÍCIAS

- Montgomery Clift foi homenageado em Paris, no dia 14 dêste mês, recebendo uma placa comemorativa, consagrando-o o favorito do ano da Associação Francesa de Teatros. Monty ficou muito emocionado com a homenagem de seus fãs parisienses.
- Um produtor americano, aliás de grande visão comercial, vem de adquirir os direitos de filmagem do romance biográfico "A Vida de George Sand", que pretende realizar na Côte D'Azur, possìvelmente em Rohan e também nas Ilhas Baleares, utilizando cenários autênticos que serviram na realidade para o romance vivido entre George Sand e Chopin.
- Anna Magnani afinal assinou contrato com os americanos para interpretar em setembro "A Rosa Tatuada", extraída da obra homônima de Tennessee Williams, autor de "Uma Rua Chamada Pecado". Burt Lancaster será o "astro" do elenco. A Rainha do Cinema Italiano capitulou assim aos desejos de Hollywood.
- Em Roma foram condenados dois falsos produtores cinematográficos que haviam planejado filmar "O Gigante", baseado na vida do ex-campeão italiano de box, Primo Carnera. Êles haviam assinado cheques sem fundo e realizado outras façanhas por conta da possível renda do filme...
- Anuncia-se que Maurice Chevalier e Josephine Baker farão um filme musical na Alemanha. A notícia surpreendeu muita gente boa. Xavier Cugat, ao que se comenta, fôra também convidado para a mesma película.
- O diretor italiano Augusto Genina retorna aos estúdios franceses, onde trabalhou antes da guerra. Ali rodará "Froufrou", adaptação de uma opereta cuja época situa-se entre 1900, 1928 e 1933. Em agôsto serão iniciados os trabalhos de filmagem. Elenco ainda desconhecido.

AINDA NÃO SOU FELIZ
DECLARA JANE POWELL

OS INSUCESSOS SENTIMENTAIS NÃO CHEGARAM A INFLUIR NO ÂNIMO DA JOVEM "ESTRÊLA" DE HOLLYWOOD... ELA CONTINUA PROCURANDO A FELICIDADE...

Por SUSAN TRENT

FUI — talvez em Hollywood — uma das poucas pessoas que soube compreender o drama íntimo de Jane Powell e desculpar seu divórcio intempestivo de alguém que todo mundo considerava muito digno dessa jovem artista que sendo humana, tem o direito de errar ao escolher um marido e de errar também, quando escolhe seus romances. Antes de tirar conclusões precipitadas, coloquei-me no lugar de Jane e procurei compreender a razão de seu gesto que tantas críticas mereceu da gente mexeriqueira de Hollywood. Mas, passemos a analisar os fatos pela ordem e comecemos pois com o casamento de Jane. Ela era uma jovem artista dos musicais da Metro, palmilhando a estrada do sucesso e contente de sua vida e de sua profissão. Geary Steffen já a conhecia então e, em público êles demonstravam uma compreensão mútua capaz de causar admiração. Para tôda gente Jane e Geary formavam uma dupla ideal e ninguém se convencia de que não pudessem casar. Talvez influenciados pela felicidade irradiante de ambos, talvez também pela conversa de sempre dos amigos (porque vocês não casam logo!) os dois uniram seus destinos e tenho certeza de que naquele momento sagrado da vida de ambos, êles tinham a melhor das intenções de seguirem juntos para sempre. Foi um lindo casamento e os votos de felicidade choveram do mundo inteiro para os estúdios da Metro, pois os fãs desejavam demonstrar a Jane que aprovavam sua escolha, achando Geary um sujeito simpático e muito capaz de fazê-la feliz. Os fãs — as criaturas mais amáveis do mundo — deram infundadas esperanças a Jane de que ela encontraria no seu destino um ambiente permanente de felicidade. E quando Hollywood já se acostumava a vê-los juntos nos "parties", nas "premières" e na vida cotidiana da capital do cinema, eis que se vê sacudida com a notícia de que o divórcio entre êles era coisa quase consumada. Por que? Por que?! As indagações partiam dos amigos mais chegados ao casal e também dos colegas surpresos com a notícia. Houve até quem dissesse com uma ponta de malícia — dessa malícia que vai tão de acôrdo com o caráter de muita gente aqui em Hollywood — que Jane e Geary haviam fingido tão bem como nas fitas... Acho que isso feriu fundo na alma de Jane. Ela procurou saber dos fatos ligados ao seu caso sentimental e sofreu quando lhe revelaram que ninguém compreendia a sua atitude. A felicidade fôra tanta que ofuscara a razão de muita gente. Para Jane tudo estava encerrado e se o divórcio surgia como solução porque não consumá-lo? E foi o que fêz, recebendo em troca a indiferença de alguns colegas e da maioria dos fãs. O estúdio chegou a temer pela sua popularidade. Um divórcio naquela altura de sua carreira teria conseqüências desastrosas. Pobre Jane! Não tinha ao menos o direito de dirigir a sua vida, tendo que dar satisfações públicas de seus atos mais íntimos... E quando ela começou a sair com Gene Nelson, então as más línguas funcionaram bem. Gene era bem casado até aquela época e sabia-se que a espôsa não concederia fàcilmente o divórcio. Porém êles se amavam de verdade e iriam lutar pela felicidade a que tinham direito. Gene e Jane passaram a ser companheiros inseparáveis nas noites e dias de Hollywood.

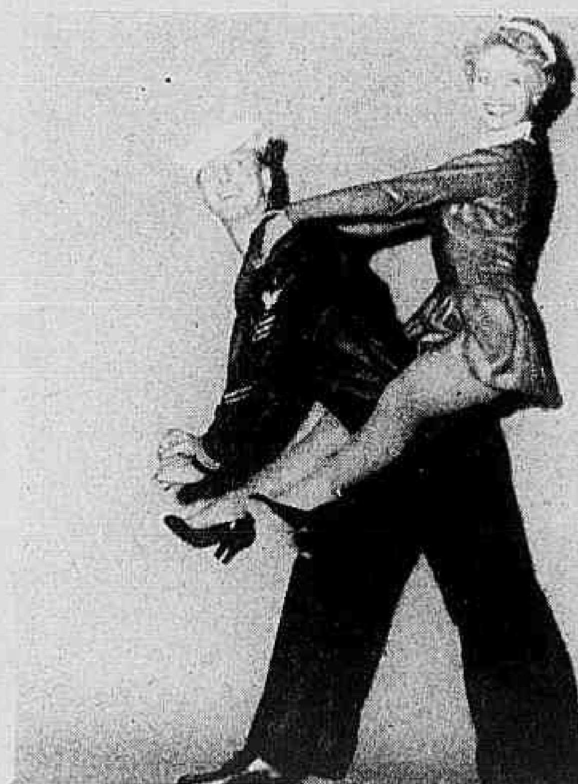
(*Continua na pága* 32)



Seu romance com Gene Nelson foi curto, embora risonho...



Nos filmes Jane continua sorrindo. Tem ânimo forte!



Ela e Gene viveram momentos de uma felicidade que durou pouco...



PEQUENA HISTORIA DO CINEMA

(Continuação do número anterior)

A iniciativa de Júlio Duboscq substituindo desenhos por fotografias em 1852, abria novos horizontes ao invento cinematográfico que não tardaria a surgir na plenitude de seus recursos. Em 1853, Franz von Uchatius, outro idealista, resolve projetar desenhos animados. Era de fato o princípio básico do cinema de hoje, e já em 1870, novas experiências fêz Heyl projetando imagens fotográficas animadas.

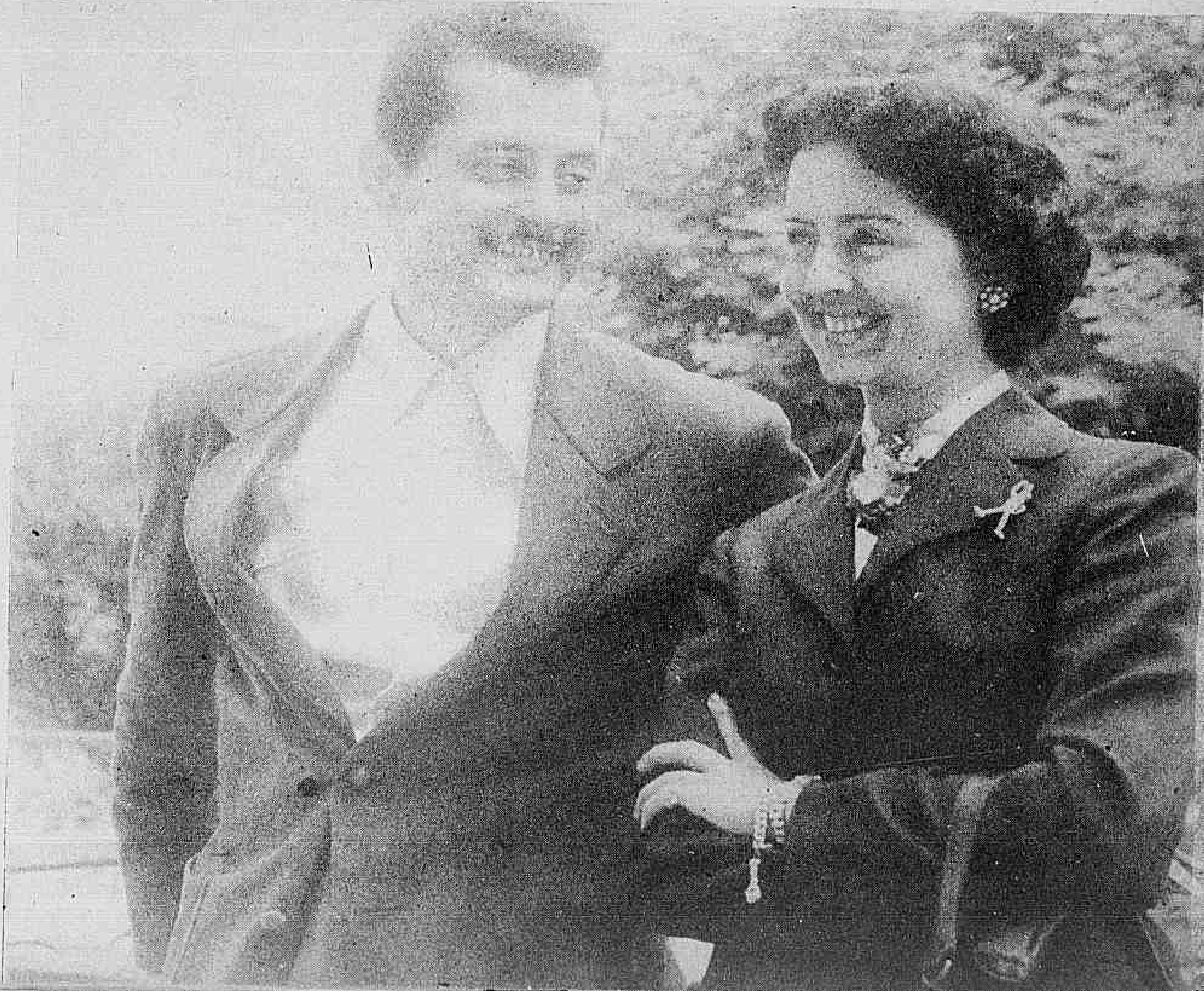
Grande contribuição ao cinema daria mais tarde, em 1882, Marey, que trabalhava secretamente em experiências com um invento audacioso: a espingarda fotográfica, com a qual produzira um filme curto sôbre o galope de um cavalo puro-sangue. Com isso, Marey estudava o movimento, fixando 12 imagens sucessivas num disco em 1 segundo. A curiosidade de Marey em tôrno do assunto estabeleceu uma descoberta muito interessante. Êle e seu colaborador Demeny demonstraram que a análise do movimento exigia 100 imagens por segundo, mas para sua síntese, bastaram 10 imagens por segundo. Mesmo assim êles não se deixaram empolgar pela descoberta, e estiveram bem próximos do cinematógrafo se concentrassem seus esforços em tôrno das 10 imagens por segundo.

Demeny continuou trabalhando e construiu movimentos de uma figura falando, com 18 imagens fixadas pelo **cronofotógrafo** de Marey. Êsse novo invento foi denominado **fonoscópio** e registrado em 1892, pois Demeny previu a projeção da síntese do movimento. Há uma particularidade realmente curiosa em tôrno da descoberta de Demeny. Seu disco com as fotografias assemelhava-se ao de Plateau, porém com relação ao cinema pouco adiantava, pois limitava o número de imagens. Em 1877 o cinematógrafo atingiria então, uma época importante de seu desenvolvimento preparatório, com o aparecimento do **zoótropo** de Emille Reynaud.

(Cont. no próximo número)

CINEMA NACIONAL EM FOCO

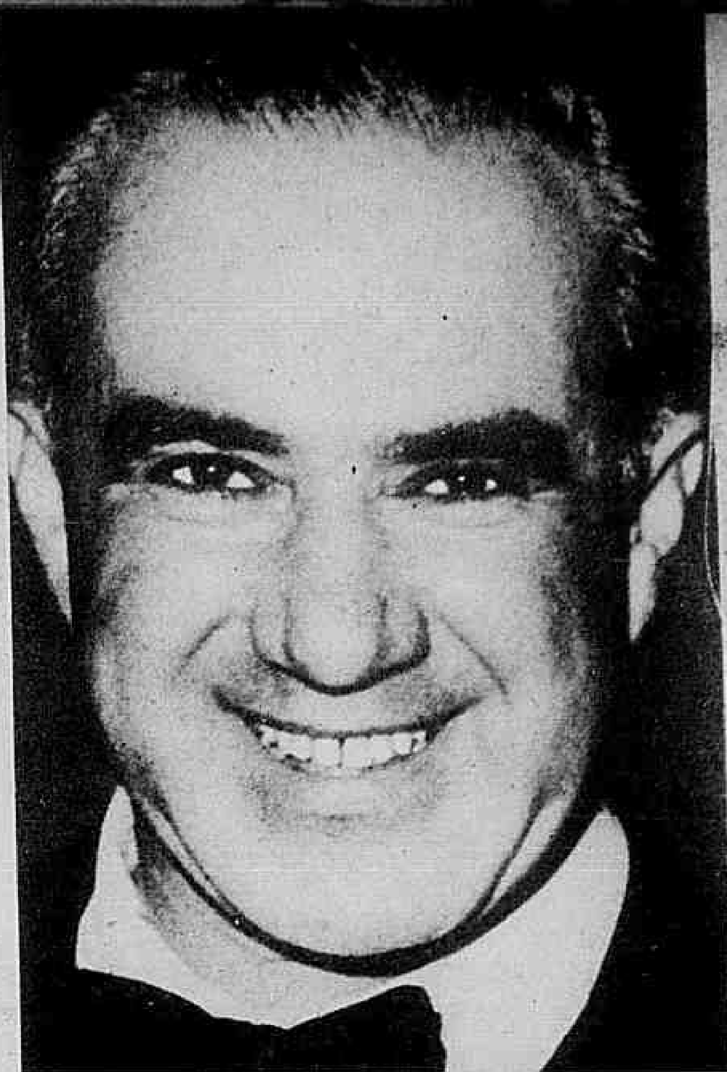
TÔNIA DESCANSA — Como a maioria das «estrêlas» nacionais, também Tônia Carrero, no momento, está descansando dos filmes, agora que a Vera Cruz parece ter entrado em férias definitivas e não há o menor indício de que voltará breve à atividade. Tônia ia fazer — a es do estouro — um filme que deveria ser o maior da companhia de São Bernardo do Campo, ou seja «Ana Terra», extraído do livro de Érico Veríssimo. Foi apenas um sonho...



SAI MESMO CASAMENTO... — Tanto falaram, tanto comentaram que Cyll Farney e Fada Santoro estavam se amando em segrêdo que êles acabaram confirmando a versão. Devem casar assim que Cyll retornar de seu giro pela Europa, embora Fada continue negando que exista algo de sério entre ela e o querido galã da Atlântida. O fato é notório e os fãs do cinema brasileiro, que tanto estimam os dois artistas, desejam que se torne realidade êsse casamento que está ficando velho como notícia... E' projeto antigo da querida «estrelinha» abandonar o cinema, e porque não pensar que ela trocará um dia a sua carreira pelo lar, ao lado de Cyll?



REVELAÇÃO DE CÔMICO — Ankito era acrobata de circo até que chegou às «boites» nacionais e ganhou fama. Watson Macedo acreditou quando lhe disseram que Ankito era cômico por natureza e foi vê-lo no teatro de revistas. Gostou e fêz convite para um musical. Ankito gostou do cinema e resolveu ficar. Fêz agora com Eurides Ramos «Marujo por Acaso», do qual damos um flagrante.



RICHARD ALTSCHULER DIRETOR MUSICAL DE VENDAS DA REPUBLIC PICTURES

O Sr. Herbert J. Yates, presidente da Republic Pictures Corporation, acaba de anunciar uma reorganização no seu Departamento Mundial de Vendas, a ser imediatamente efetuada. Para o pôsto recém-criado, de Diretor Mundial de Vendas dessa Produtora de Filmes, foi nomeado o Sr. Richard Altschuler, que vinha exercendo, simultâneamente, os cargos de Presidente e Gerente do Departamento de Vendas da Republic Internacional. As novas funções do Sr. Altschuler têm, como objetivo principal, a sua direção pessoal nas operações de vendas da Republic, tanto nos Estados Unidos como no estrangeiro.

Após o seu regresso da Europa, onde fêz um cuidadoso estudo sôbre as operações de vendas, o Sr. Yates declarou achar-se convencido de que os contrôles de vendas, tanto no seu país como no estrangeiro, deveriam ser dirigidos por uma só pessoa, isto é, por um só diretor. Declarou ainda o Sr. Yates que, hoje em dia, tornou-se mais importante do que antigamente programar a estréia de películas nas Capitais estrangeiras conjuntamente com os Estados Unidos. Isso prende-se ao fato de que a distribuição de filmes, no exterior, deve aproveitar tôdas as vantagens que oferecem campanhas de publicidade levadas a efeito para as estréias de películas nos Estados Unidos, ao invés de esperar seis meses ou mais conforme vinha sendo feito no passado.

Citou então o Sr. Yates o exemplo da estréia simultânea com a Inglaterra e Itália de "Os Bravos Não se Rendem" e "Ódio que não perdoa" que, devido a êsse sistema, alcançou um êxito sem precedentes. Seguindo essa nova política o Sr. Yates reunirá, anualmente, nos Estados Unidos, os seus Diretores de Vendas de todo o mundo a fim de que êstes se encontrem com os seus colegas norte-americanos em New York e Hollywood e possam pessoalmente discutir e coordenar os assuntos referentes ao mercado mundial.

Finalizando, acrescentou o Sr. Yates que o Diretor Mundial de Vendas deverá possuir um profundo conhecimento de distribuição de películas quer sejam elas feitas em Hollywood como em Londres, Paris, Berlim, Tóquio ou qualquer outra Capital Cinematográfica e que o Sr. Altschuler, com os seus trinta anos de experiências nesse setor, abrangendo diversas fases da cinematografia, mais os inúmeros anos passados nos Departamentos de Vendas estrangeiros, e locais, torna-se uma admirável escolha para o novo pôsto de Diretor Mundial de Vendas da Republic.

PATRÍCIA LACERDA E SEU GALÃ — O destino colocou novamente nas mãos da encantadora Patrícia Lacerda o papel principal de «Nobreza Gaúcha», que o diretor Rafael Mancini vem de dirigir. Para galã escolheram o louro novato Nelson Morrison que com Patrícia tem cenas românticas das mais realistas... A dupla deve aprovar.





MIRO CIRCUNSPECTO — O rapaz de voz confusa em «O Preço do Desejo» desapareceu para dar lugar a um artista de apurado talento dramático. Assim aconteceu com Miro Cerni, cuja primeira credencial no cinema brasileiro vai ser mesmo «Na Senda do Crime». A Vera Cruz gostou de seu trabalho e colocou-o no elenco do ambicioso «Floradas na Serra». Não fôsse um recente desastre de automóvel, felizmente nada grave, Miro estaria inteiramente feliz, pois as fãs não o compreendem tão formal...



GILDA, UM TALENTO! — Começando de baixo no teatro, com Graça Mello, em «Massacre», Gilda Nery demonstrou possuir inegável tendência para a vida artística, porém não conseguiria seu maior êxito no palco. O cinema brasileiro fascinava a «estrelinha» de «Uma Pulga na Balança» e para Vera Cruz ela se foi um dia. E' agora artista das mais queridas entre as «estrêlas» do nosso cinema e se houver maior «chance» poderá demonstrar com o tempo que nasceu destinada a ser um grande nome da tela.



O ROMANCE QUE SURPREENDEU HOLLYWOOD

Ela encontrou seu príncipe

SOFRENDO UM RUDE GOLPE DO DESTINO, JUNE RESOLVEU AFASTAR-SE PARA SEMPRE .DE HOLLYWOOD, INGRESSANDO NUM CONVENTO. – REFLETINDO MELHOR DESISTIU DO PROPÓSITO E MAIS TARDE ENCONTROU FRED E A ÊLE ACABA DE JUNTAR SEU DESTINO PARA UMA VIDA FELIZ EM COMUM!

Por MARY LYNN

Como eu, tôda gente em Hollywood, surpreendeu-se com a decisão de June Haver ao trocar uma brilhante carreira no cinema pela solidão de um claustro. Seu gesto, como de Mojica, anos atrás, repercurtiu em todo o mundo e os fãs, mesmo com algum esfôrço, jamais compreenderam a razão de uma atitude à princípio tìpicamente intempestiva. Mas não era. June refletira bastante antes de anunciar que ingressaria num convento. Ela era moça, bonita e saudável, mas um abalo sentimental em pouco tempo converteu-a numa criatura sem ânimo e sem objetivo. Pensou que o melhor para seu espírito era o afastamento daquele mundo de fantasia que a rodeava quando estava filmando. E para ela que considerava-se ferida gravemente pelo destino e desiludida da vida, nada restava a fazer senão viver para si mesma, longe de tudo e de todos, curando um grande complexo e aplacando as mágoas de um coração que mal aprendera a amar... E assim fêz. Porém não o fizera de modo precipitado. Os jornalistas de Hollywood, como eu, fizeram conjeturas várias sôbre a razão do gesto da querida "estrêla" e poucos foram sagazes em adivinhar o que acontecia naquela alma aturdida e ignorante de todos os outros prazeres da terra, senão a paz que sòmente um claustro poderia dar-lhe, um descanso que sòmente uma vida interior poderia proporcionar. Os fãs lamentaram que June tomasse aquela atitude e voltaram a sorrir com as primeiras notícias de que talvez ela não se fizesse freira, apesar do longo tempo em companhia daquelas a quem já aprendera a amar como suas verdadeiras irmãs. E um belo dia June voltou a sua Hollywood, sorrindo como antes e desejosa de viver. Todos nós sentimos uma alegria imensa com o seu regresso e apressamo-nos a ouvi-la, porém não foi fácil. A "estrêla", apesar de demonstrar boa vontade para com a imprensa, não sabia ainda o que dizer sôbre sua situação. As notícias sôbre a sua volta eram desencontradas, não revelando quase nada de verdadeiro. Chegaram a afirmar que June, a conselho dos médicos, deixara o Convento, mas que isso não significava de que não voltaria para lá a fim de satisfazer seu desejo de ser freira, abandonando tôdas as glórias mundanas por um lugar de paz e tranqüilidade. Durante várias semanas ficamos completamente no ar, sem saber o que dizer à respeito de June. Afinal a "estrêla" começou a aparecer em público e com um viúvo. As más línguas de Hollywood, sempre prontas para os seus mexericos, espalharam a notícia e em pouco tempo estava certo de que havia um forte romance entre a "estrêla" recem-saída do convento e o tristonho viúvo, êste Fred Mac Murray. E não foi preciso pensar muito para deduzir da verdade quando June e Fred foram escolhidos para viajar até o Brasil e participar do Festival de São Paulo. Foi ali, segundo me contaram e mais tarde a própria June corroborou, que o romance tomou aspecto mais sério. Agora êles caminharam juntos até ao altar para a formação de um lar que deverá ser feliz e duradouro, em que pese o descrédito habitual de Hollywood pelas uniões felizes feitas sob as suas luzes... Acho por mim que June deverá ser bem feliz ao lado de Fred, um homem alegre, experimentado e vivido, com uma personalidade tôda especial, querido dos colegas e com um mundo de amigos. June precisa muito de uma companhia como êle poderá ser, enquanto viverem, sob o mesmo teto. Acho que alimentam o mesmo ideal e perseguem o mesmo objetivo: recuperar-se para tornar a viver. June teve amarga experiência sentimental e quis acabar com sua carreira encerrando-se num convento, o que afinal, felizmente para nós, não se tornou realidade. Fred perdeu a espôsa e chorou durante muito tempo sua ausência, pois considerava-se um homem completo e feliz ao seu lado. Creio que os dois se completarão e asseguro a vocês todos que Hollywood mais uma vez terá que se curvar diante dos fatos e admitir que nem tudo dentro de seus limites é fantástico e inatingível...



O carinho de June por Fred revelou-se em São Paulo, durante o Festival de Cinema. Depois os fãs esperaram tão sòmente o casamento...



Fred é um sujeito alegre, saudável e vívido. Sua experiência e seu amor por June determinaram que a união entre os dois será perfeita.



JUNE HAVER estava filmando «Where you go from here?» quando conheceu Fred Mac Murray, que ela aliás sempre admirara como pessoa. Essa qualidade de Fred é conhecida em Hollywood. Êle tem o dom de fazer amigos e com June a coisa não foi diferente. Ficaram grandes camaradas e os convites para cear nos clubes noturnos passaram a ser diários e insistentes. Quando June resolveu aceitar e saiu a primeira noite com Fred, Hollywood fêz um ar de espanto, isso porque ela havia deixado o Convento sem explicações muito convincentes e Fred ainda estava sob c efeito da emoção produzida pela morte da espôsa, que segundo dizem, êle adorava. Desde logo todos compreenderam que June e Fred formavam um casal perfeito. June necessitava muito da amizade de um homem alegre e vívido como Fred e, assim continuaram, cada vez mais unidos, até a viagem ao Rio de Janeiro e São Paulo. Foi aí que o romance tomou aspecto mais sério e quando regressaram a Hollywood, o casamento era certo. Assim mesmo fizeram surprêsa aos amigos, casando-se em Ojai, na Califórnia, num ambiente simples como desejam seja sempre o lar onde pretendem viver unidos e com os corações em festa.



KEEFE BRASSELE, NOVO "ASTRO" DE HOLLYWOOD

Por ROBERTO DÓLAN

O maior elogio que um jornalista poderia fazer a Keefe Brasselle foi dizer que êsse artista interpretando a figura de Eddie Cantor no filme da Warner "Nas Asas da Fama", parecia o Eddie dos melhores tempos, querendo com isso insinuar que o novo " astro" de Burbank havia conseguido igualar-se ao próprio Eddie em talento cômico.

Encontrei-me com Keefe antes do estúdio chamá-lo para o "test" que acabaria incluindo seu nome no elenco do referido filme. Êle estava nervoso e ainda não sabia que espécie de "test" iriam lhe dar. Segredou-me que desde o momento em que seu agente comunicara-lhe haver providenciado um "test" para êle na Warner, passara a estudar as melhores posições de Eddie quando em cena, sua vida íntima, o que êle costumava fazer em público, ler as histórias que sôbre êle contavam colegas e amigos. Estava muito mais a par do que se passara na vida íntima e artística de Eddie que os próprios parentes. Isso demonstra o bom senso e a perseverança dêsse jovem ator cujo início é dos mais promissores em Hollywood. Quando me contavam certas particularidades a respeito de Keefe e de seus modos excêntricos quando no estúdio, cheguei a pensar que exageravam, porém o moço é realmente dotado de uma personalidade diferente e uma maneira muito ajuizada de encarar sua vida como artista do cinema.

Tive ocasião de assistir nos estúdios da Warner a alguns trechos do filme biográfico sôbre Eddie Cantor e surpreendeu-me a segurança de Keefe Brasselle no papel. Êle aprendeu a ser Eddie Cantor com tal perfeição que se juntássemos os dois numa cena qualquer, difícil seria dizer qual o verdadeiro. E reparem: não estou exagerando!



ELAINE STEWART ENSINA "COMO ATRAIR OS HOMENS"

A maioria das cartas que recebo das fãs traz a clássica pergunta: como conseguem vocês, artistas do cinema, atrair tantos admiradores? É natural que as fãs sintam essa curiosidade e neste ligeiro artigo procurarei responder a tôdas, não escondendo o meu método, se é que eu tenho método para o caso. Acho que posso falar com tanta segurança dêsse assunto, porque vocês não ignoram que antes de ser "estrêla" do cinema fui como qualquer uma de vocês: uma jovem desejosa de um casamento feliz e de um êxito na vida. A única diferença que existe entre mim e vocês é que alcancei Hollywood e estou fazendo filmes, no mais somos mulheres e sendo assim temos muita coisa em comum.

Vocês não imaginam quanto esfôrço dispendemos nós — candidatas ao estrelato cinematográfico — antes do "test" que decide nossos destinos junto aos estúdios. Há um mundo de coisas a aprendèr em tempo curto e um método especial para conseguir uma "chance". Aprendemos desde logo uma verdade: criaturas comuns não vencem. E como deixar de ser comum? Essa foi minha primeira lição, aliás duramente aprendida. Sempre me acreditei uma criatura normal, com ambições normais e pensamentos normais. Não era o bastante. Apesar de ser ambiciosa e desejar o sucesso, faltava-me aquilo que os "talent-scouts" (descobridores de "estrêlas") chamam de "glamour" natural. Nesse ponto é que começo a falar a vocês sôbre um ponto importante. Tôda mulher, no meu ponto de vista, possui "glamour", algumas em dose maior. Não confundam agora "glamour" com beleza ou "sex-appeal", porque estarão se enganando redondamente. O "glamour" pode ser encontrado em várias formas e de mulher para mulher tem caráter próprio. Algumas de vocês já ouviu dizer que seus olhos são "glamourosos", outras que sua bôca é "glamourosa", algumas que seu "glamour" está no sorriso. Se o "glamour" existe numa mulher, ficará valendo muito se ela souber descobri-lo e acentuá-lo. Quando fui candidata ao estrelato aprendi a descobrir meu "glamour" e conservá-lo. Isso exige uma

(*Continua na pág.* 32)



Elaine nos estúdios da Metro submetendo-se a maquilagem especial...



Vera Ellen usa Elaine como modêlo para a escolha de um novo chapéu...



ELAINE STEWART
seu «glamour» conquistou
Hollywood!

Glamour depois das



Vestido de «soirée». A blusa é tôda bordada com pérolas sôbre tecido da côr da pele. A saia é de «chiffon» branco sôbre tule de «nylon», em três partes. É o tipo de vestido que Rhonda Flemming usa em «premières».



Eis a «estrêla» com um elegantíssimo vestido para jantar. Trata-se de um desenho francês, em renda branca, com estola de raposa da mesma côr. Os sapatos são bordados com «rhinestones» (pedras transparentes). Ressalta como sempre o «glamour» de Rhonda, seu maior atrativo como mulher.



Para uma noite sossegada, em casa, com seus livros, Rhonda veste um pijama «de estar», tipo macacão, com calças bem justas três quartos e blusa sem mangas. Um pequeno lenço em tôrno do pescoço combina com o cinto escuro, bordado. O tecido do pijama é de renda branca, tipo «Chantilly».



Vestido de coquetel em tricô verde-claro, com fôlhas de lã verde-escura. A estola de «visón» escura forma o contraste. Rhonda é o que se pode chamar de «modêlo profissional» tão harmoniosas são as suas linhas.



Êste é o que Rhonda chama de «traje para teatro». É todo em veludo negro de algodão, com uma aplicação de arminho branco em tôrno do decote arredondado. Um regalo de arminho branco completa a graça do belíssimo conjunto.

Rhonda Fleming, a belíssima «estrêla» ruiva que recentemente visitou o Brasil — é considerada em Hollywood uma das atrizes mais glamourosas e de mais bom gôsto na arte de se vestir. Seja em casa ou nos constantes coquetéis e festas a que comparece com seu marido, Rhonda prima sempre pela elegância, confessando que prefere os trajes para depois das 5, ou seja, mais formais. Apresentamos nestas páginas algumas amostras da elegância Rhonda **Fleminguiana.**

Revela PATRICE WYMORE

—"minha vida e' dansar!"...



Patrice Wymore conta

ela mesma a sua história...

história de uma jovem que sonhou

com o palco e com Hollywood para

depois casar-se na Broadway e nos filmes

Sua receita de felicidade é bem simples: nin-

guém consegue ser feliz sem fazer o que mais gosta...



Patrice Wymore e Errol Flynn estão sempre juntos e felizes!

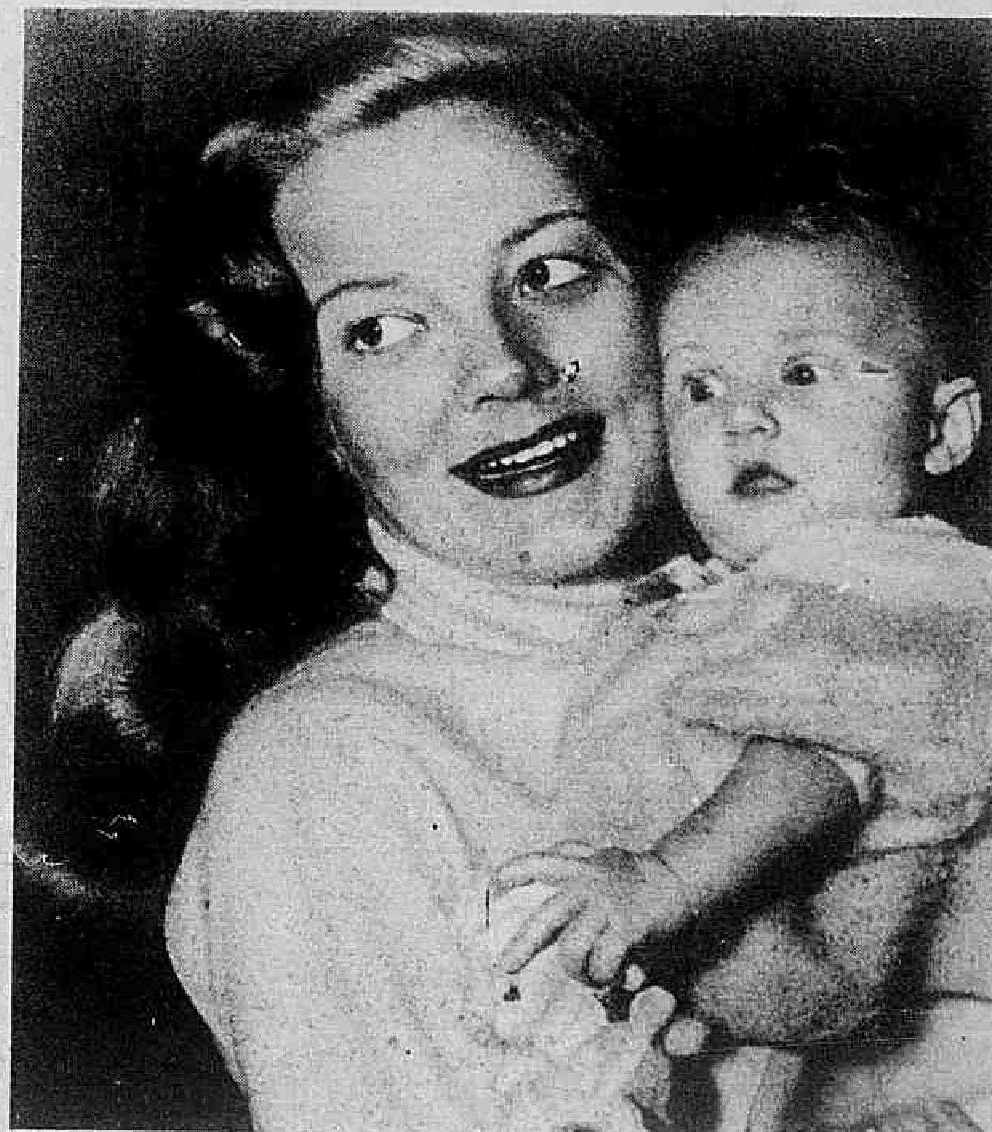
Considero-me uma criatura feliz porque faço o que gosto. Digo isso a vocês todos porque acredito que ninguém consegue ser feliz de outro modo. E tenho vivido assim desde criança. Apesar da descrença natural de meus pais de que eu viesse a fazer carreira no teatro, me dei bem no palco e hoje não me arrependo de havê-los enganado um dia. Sabem como se deu o fato? Eu conto. Aos seis anos eu descobri a minha vocação para o palco e passei a dançar em festas de benefício, mas não era tudo que eu queria e encontrei uma amiga que me compreendeu e ajudou. Formamos uma dupla e tudo ia bem até que a outra resolveu casar. O marido, muito ciumento, não permitiu que ela prosseguisse no teatro e não houve jeito de demovê-lo da idéia absurda. Fiquei só e quando voltei para casa contando que estava outra vez como antes, isto é, sem uma carreira definida, meus pais aproveitaram a oportunidade para enviar-me a uma Universidade. Concordei porque já fizera ràpidamente outros planos. Tinha intenções de conquistar uma retumbante vitória nos palcos e depois alegrá-los com minha fama. E, assim, decidida e confiante cheguei a Nova York. A cidade era grande e pouco acolhedora para mim naquela época, porém não desisti. Corri todos os agentes até conseguir uma oportunidade na peça "Mexican Hayride", mas não durou muito minha felicidade. A companhia recebeu convite oficial para percorrer os acampamentos dos soldados americanos em missão no Pacífico. Eu era muito jovem e não tive licença para embarcar. Pensei então que teria de começar novamente e sabia das dificuldades de uma nova temporada pelos escritórios dos agentes. A Broadway fascinava-me e amedrontava-me ao mesmo tempo, mas venci, atuando depois em revistas musicais. Com elas percorri várias cidades, tendo emoções agradáveis em Miami e Chicago, onde atuei em programas de rádio e televisão sempre com um sucesso que animava-me a prosseguir.

Creio que tôda perseverança tem um prêmio e o meu dia chegou quando a "estrêla" da companhia adoeceu e o diretor Michael Todd, nervoso e preocupado, procurou-me para saber se eu aceitava o lugar. Claro que concordei, pois sonhava com isso há vários meses. Os aplausos que recebi então, foram

(Cont. na pág. 32)



A maior alegria de Patrice é dançar. Ei-la com Gene Nelson.



A felicidade dos Flynn está completa. Mamãe Patrice sorri.

A VOLTA DE ALBERTO RUSCHEL "O CANGACEIRO"

Por GILMAR DIAS





Artista dos mais festejados do cinema brasileiro, Alberto Ruschell é hoje em dia um nome internacional, tanto sucesso alcançou além fronteiras a sua atuação em «Cangaceiro», a obra de Lima Barreto, que descobriu o nosso cinema.

O novo filme de Alberto Ruschell, «Os Três Garimpeiros», está sendo filmado em Piracicaba e tem lançamento previsto para Setembro. Dêle participa a jovem estrelinha Aurora Duarte que vemos aqui numa cena de amor com Alberto.

No panorama (pouco animador) do atual cinema brasileiro dá satisfação saber que existem atores do quilate de Alberto Ruschell. Êle tem sabido portar-se bem em meio a tanta desordem moral e financeira, e é dos raros que acredita realmente na recuperação do filme nacional, colaborando com seu esfôrço de ator consciente, pela emancipação artística do cinema de sua pátria. Eu que o conheci mais intimamente, bem posso avaliar quanta fibra possui êsse moço destituído de vaidades, cuja maior ambição é alcançar seu ideal na vida. Alberto Ruschell chegou a pensar que êsse ideal não estava no cinema brasileiro. Mostrou-se insatisfeito de sua carreira e imaginou até que melhor seria deixar tudo que fôra feito, para trás, e empreender vida nova. Raramente isso acontece com um artista. Principalmente se êsse artista vive em ambiente tão acanhado como o de nosso cinema, que mesmo assim tem feito ídolos inùtilmente.

Lembro-me de que uma manhã, no Rio, Anselmo Duarte, na época ainda mais ou menos desconhecido, queixou-se a mim de sua situação, e apontou o cinema nacional como grande culpado pelo que sentia. Estava dizendo uma dura verdade. De fato, um artista de talento é revelado num filme e passa a ter determinados deveres para com o público que jamais o compreenderá fora de seu elemento. E como viver de cinema nacional dos dias que correm? Alberto Ruschell tinha certa dose de razão quando pensou que havia muita coisa ainda por fazer quando quase todo mundo acreditava que o melhor pedaço — e o mais certo — já fôra concluído. Pura ilusão! Assim êle declarou-se um vencido e desiludido dos filmes. Abandonaria o cinema como profissão e deixar-se-ia ficar em sua casa, com seus livros, com a palestra sempre agradável dos amigos, com suas novas ocupações e principalmente com suas recordações, que para êle, são as melhores coisas já conquistadas como ator de cinema. Para um artista de renome mundial, pois Alberto Ruschell recebeu aplausos do público de várias capitais européias e sul-americanas, isso era incompreensível. A glória de "O Cangaceiro", porém, não lhe toldava a razão e, raciocinando, a conclusão era até bem lógica.

Mas, Alberto Ruschell acabou deixando-se vencer pelas propostas para novos filmes e sentindo renascer em sua alma o ideal do cinema, aceitou novos convites para filmar. Sua volta está sendo agora festejada como um grande acontecimento do cinema brasileiro. Vamos assisti-lo ainda mais maduro como ator em "Os Três Garimpeiros". Breve êle embarcará para a Espanha onde deverá participar de várias películas. Alberto Ruschell tem todo um risonho futuro diante de si!



Alberto sabe refletir antes de tomar suas decisões. E isso é bom.



A cena final de «O Cangaceiro». Consagração para Alberto!



A popularidade de Alberto Ruschell aumenta sempre.



Grande cavaleiro. Alberto adora equitação.

AS "ESTRÊLAS" FALAM DE ELEGÂNCIA E BELEZA

ENTREVISTAS RELÂMPAGO DE ELIBÊ

Pergunte o que quiser sôbre elegância ou beleza. Junte o cupão anexo e mande para; Elibê, aos cuidados de CENA MUDA — Rua Visc. de Maranguape, 15 — Rio.

Sua pergunta será respondida diretamente de Hollywood, por uma **"estrêla" famosa.**

Cada cupão dá direito a apenas **uma** pergunta.



UM LENÇO NA CINTURA

— Quando quero variar minha saia e suéter uso um lenço de cambraia suíça prêso ao cinto de couro. Fica elegante, não acha? E dá um ar «sofisticado»! — e posou para ilustrar a sugestão.





PÊLO DE BEZERRO

— Vejo que gostou de minha «trousse» de pêlo de bezerro — falou Marie Windsor, no momento em que me preparava para fotografá-la, ao terminar um lanche no restaurante da Warner. — Escolhi-a por ser prática e combinar com todos os meus vestidos de rua. Foi desenhada por Volupte.

★ PARA O TEATRO tenho êste modêlo prêto que é dos meus preferidos: saia em tafetá fantasia, todo franjado; blusa de jérsei negro e uma faixa de tafetá na cintura. Quando tenho frio uso-o com um bolerinho branco, em veludo, de mangas compridas.





USE UMA ESCÔVA MACIA

Patricia Medina estava em seu camarim. Acabara de passar o pó, e retirava o excesso com uma escovinha muito macia (dessas que se usam para pentear cabelo de criança):

— A pele fica, assim, com um acabamento muito delicado!

PARA PERFUMAR A MALA

Dolores Dorm preparava-se para um bom fim de semana quando a fomos entrevistar. Estava, justamente, arrumando a mala:

— Geralmente as malas, que ficam guardadas por muito tempo, têm um cheiro desagradável. Por isso perfumo-as com sanchês de alfazema. Quando chego no hotel ponho os sanchês dentro da gaveta em que guardo minha lingerie.



PARA AMACIAR OS COTOVELOS

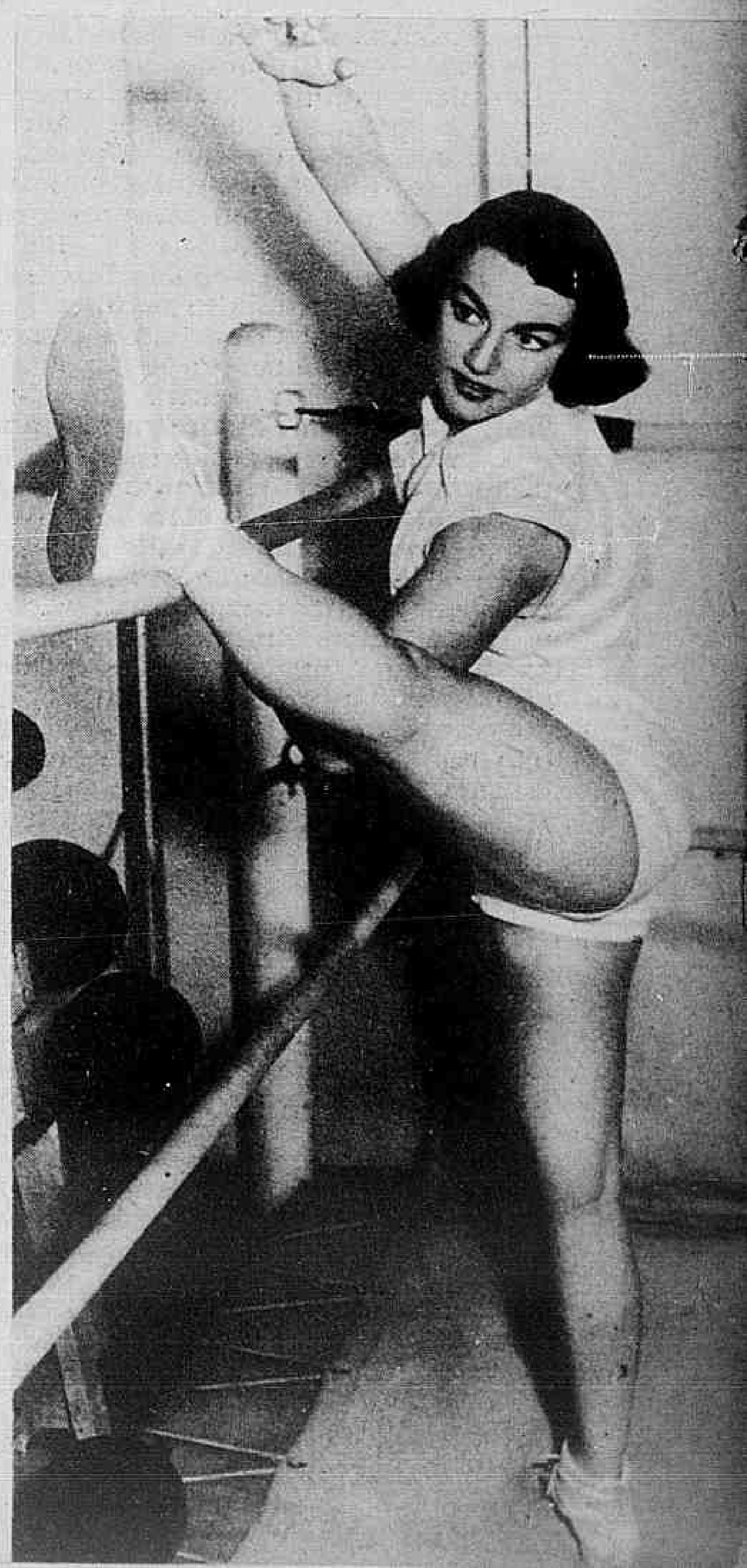
— Uma leitora da «Cena Muda» quer saber como amaciar os cotovelos? Pois o meu sistema é o seguinte, — respondeu Marilyn Erskine:

— Duas vêzes por semana, faço uma aplicação de azeite de oliveira morno, três horas antes do banho. Ao tomar banho removo o óleo, estregando com uma escôva dura.

PARA AS PÈRNAS

Allyn McLerie está sempre treinando para seus números de dança. Fomos encontrá-la outra vez no ginásium da Warner, e pedimos que nos fizesse uma demonstração de ginástica para os músculos da perna. Ela chegou-se às barras, levantou a perna direita e colocou-a a um metro e meio de altura.

— Essa ginástica é ótima para conservar os músculos das pernas sempre rígidos. Diga as minhas fãs que podem executá-lo apoiando-se numa mesa ou no espaldar de uma cadeira, em vez da barra.



ELAINE STEWART

(Cont. da pág. 22)

série de esforços conjugados com o mesmo objetivo. Prestem bem atenção, minhas amigas: os homens não se deixam fàcilmente seduzir por uma mulher que não conheça seus próprios recursos, isto é, nenhum homem poderá admirar uma jovem sem personalidade. Raros são aquêles que nos aceitam como somos na intimidade. Cedo aprendemos que é necessário cuidar da beleza do corpo, mas também da beleza do espírito. Se você souber conversar, portar-se em público, conquistar e conservar amizades, falar pouco, acentuar sua beleza natural (e nada de exageros na maquilagem diária, nada de sofisticação) terá requisitos suficientes para ser amada e ser feliz. Vocês que invejam as "estrêlas" de cinema porque elas vivem cercadas de admiradores, saibam desde logo que para isso tôdas pagam seu tributo à beleza do corpo e do espírito. Não chegamos a êsse ponto sem esfôrço e sem luta. Quanto mais *nós mesmas* conseguirmos ser durante todo o tempo, mais alegrias teremos como mulheres, sim, porque antes de tudo temos um coração pulsando pela presença de um príncipe encantado que pode demorar mais chega sempre.

Nada mais posso recomendar a vocês, minhas amigas, nessa questão de atrair os homens. Depois de aprender tudo de que falei, há ainda um grave problema a estudar e solucionar: o temperamento do homem que nos interessa. Não vou, contudo, entrar nesse detalhe, pois não sobra tempo e espaço para isso e, além do mais, sou ainda muito jovem para dar lições de psicologia. Recomendo, no entanto, a tôdas vocês uma coisa: sigam sempre seus bons impulsos e jamais se descuidem da aparência, mesmo nos detalhes insignificantes e conseguirão aquilo que mais desejam na vida: amar e ser correspondida...

MINHA VIDA E' DANÇAR

(Cont. da pág. 27)

a recompensa para meus momentos de luta com o próprio destino. Não me curvara jamais aos seus caprichos e mesmo quando em noites vazias, no meu quarto modesto, pensava no pouco valor de minha carreira, recuperava-me no dia seguinte e voltava para o teatro disposta a dançar ainda melhor. Tinha um objetivo: Hollywood. E não descansaria até alcançá-lo. Agora vocês já sabem que venci também essa parte de minha carreira e acredito que muitos pensem que venci fàcilmente. Mas não foi assim. Os primeiros dias de Hollywood foram amargos e incêrtos. Finalmente estreei e parece que fiz sucesso, porque o estúdio está sempre me chamando para novos filmes. Meu casamento com Errol Flynn, a princípio eu seu que pareceu a todos uma temerária atitude. Conheci Errol como êle é, e comecei a admirá-lo por muitas virtudes, talvez não visíveis aos olhos alheios, e sim aos meus. Compreendemos que era paixão o que existia em nossos corações e casamo-nos, apesar do que disseram a mim e a êle, antes de realizarmos nosso sonho. Saibam que não me deixei, jamais, impressionar pelo que diziam de Errol. Eu sei o que de bom êle possui e sempre estive disposta a perdoar seus erros. Acho que foi essa a melhor maneira de agir, porque agora somos felizes e temos uma filha. Que mais posso desejar?

Divido minha carreira entre o meu lar com Errol e a minha carreira. Quando perguntam como consigo estar sempre em forma, respondo: a receita é simples: tomar diàriamente uma lição de bailado. E' o que faço há vários anos. E não me preocuopo com o resto. Encontro na dança uma parte de minhas aspirações como mulher e como artista. A outra é o meu lar, Errol e nossa filha. Não digo que vivo esbanjando felicidade, porque isso seria afrontar os demais com o meu estado de espírito permanente, porém, orgulho-me do que consegui na vida, principalmente das minhas amizades. Bem, mais isso é outra história que contarei em outra conversa com vocês. Até breve!

AINDA NÃO SOU FELIZ

(Cont. da pág. 16)

Até que Gene mudou de pensar e recuou no seu propósito de unir-se a Jane para sempre. Outro motivo para novos comentários em tôrno dela é novamente a incompreensão.

Estive com Jane um dia dêsses e conversamos bastante sôbre tudo isso. Ela mesma me confessou que sente-se desgostosa com êsses insucessos sentimentais, porém culpa não lhe cabe por não acertar com suas amizades masculinas. Estava em sua casa quando Gene telefonou, mas não era nada de importante. Notei tristeza nos olhos de Jane quando colocou o fone no gancho e voltou a me dar atenção. Continuamos falando sôbre sua vida e pude entender melhor essa criatura admirável que sabe enfrentar situações delicadas com um bom senso que não me canço de propalar. Ela não escondeu de mim que estava saindo muito ùltimamente com Pat Nerney, sua nova amizade, porém assegurou que entre êles não existia senão uma amizade sincera. Pat tem sido muito atencioso, disse-me Jane e seus olhos brilharam quando falaram dêle. Creio que ela se esforça para esquecer-se de Gene e também que sonhou em ser feliz ao seu lado. Ela agora sabe que é preciso ter mais cuidado com os impulsos de seu jovem coração para não sofrer mais tarde desilusões. Jane ainda não se considera feliz em Hollywood. Apesar de estar sempre sorridente nas festas e nos estúdios, quando filma, é na intimidade uma criatura preocupada com seu Destino e com o rumo de sua vida sentimental. Conserva porém uma atitude honesta e tem o propósito de voltar a ser feliz como antigamente. Não quer — e nisso está com muita razão — que sua vida torne a ser objeto de comentário maldosos de quem não pode compreendê-la. Quando nos despedimos deixei com Jane os meus votos para que na próxima visita ela estivesse bem mais alegre e sem preocupações. Seu sorriso de agradecimento deu-me a certeza de que ela conseguirá vencer êsse período incerto de sua vida e de sua carreira e, que muito breve, Hollywood registrará sua nova e definitiva felicidade.

BALZAQUIANO (SIM) PORÉM AINDA ÁGIL

(Continuação da página 45)

é um estudioso do cinema e um eterno interessado das coisas que dizem respeito à sua arte. Êle considera o cinema a principal razão de sua vida, embora não pareça. Eu também li alguns jornais brasileiros com expressões pouco lisongeiras sôbre sua pessoa, porém não toquei no assunto com êle, pois seria indelicado se o fizesse. Não partilho da opinião geral de que Errol Flynn é antes de tudo um sujeito farrista, algo irresponsável e cheio de complexos. Êle, ao que sei, não bebe exageradamente para esquecer coisa alguma e tem, no entanto, muitas razões para fazê-lo. Acho que para um artista famoso e endeusado como êle foi em Hollywood, deve ser muito duro sair fora da órbita da bajulação oficial e do sucesso preparado, para correr mundo e lutar novamente por alguns contratos que não o afastem tanto tempo dos estúdios. Pensem bem nesse ponto e me darão razão quando afirmo que Errol Flynn, embora balzaquiano, continua ágil na sua maneira de viver e conquistar as coisas importantes de sua carreira. Êle, como ator, está eficiente como antes e seu recente contrato com Wilcox é uma prova de que ainda o querem no tipo do aventureiro romântico adorado pelas mulheres. Vocês — tenho certeza — ainda vão ouvir falar (bem) de Errol Flynn por muitos anos. E aplaudi-lo com o mesmo entusiasmo dos primeiros tempos!

O MISTÉRIO DE DORIS DAY

(Cont. da pág. 5)

quanto o «Women's Press Club» votava em Doris Day como concorrente ao limão do ano por ter sido uma das atrizes que menos cooperou com a imprensa... Durante a realização de «Lucky Me» muitas outras coisas aconteceram que puzeram em sobressalto os fãs da simpática cantora sardenta: internada no «Cedars Lebanon Hospital» para uma intervenção cirúrgica cuja natureza se manteve em sigilo, soube-se depois que a mesma era devido a um tumor surgido no seio direito de Doris. «Câncer!» — foi o pensamento de todos... e da própria «estrêla», que teve, então, de se submeter a intenso tratamento psicoterápico porque se encontrava em natural estado de nervos ante a iminência da terrível doença. Finalmente, constatou-se que se tratava de um tumor benigno, simples fragmento de tecido e todos respiraram aliviados. Todos, menos... Doris Day. Os rumores continuavam circulando sôbre o seu esgotamento nervoso e o estúdio tentou «abafar» a história forçando-a a continuar as filmagens de «Lucky Me», mesmo porque o próprio psiquiatra dissera que o trabalho a distrairia. Parece que essa terapêutica moral e física produziu seus resultados porque, algumas semanas após o término do filme, a Warner convidou um grupo de jornalistas para uma entrevista com Doris Day na sua casa em Westwood. Especialmente selecionados pelo estúdio, éramos 12 correspondentes, um de cada país: Alemanha, Austrália, Brasil, Canadá, Colômbia, Espanha, França, Inglaterra, Itália, Japão, México e Suécia. Foi a mesma Doris Day dos primeiros tempos que nos recebeu, exceto por um novíssimo corte de cabelo «tell'em boy» que ela havia adquirido naquela manhã. A atmosfera da casa, o filho da «estrêla» saindo para a escola, seu marido telefonando para saber como ela cortara o cabelo... tôdas essas pequeninas coisas indicavam que a paz voltara a reinar no lar de Doris.

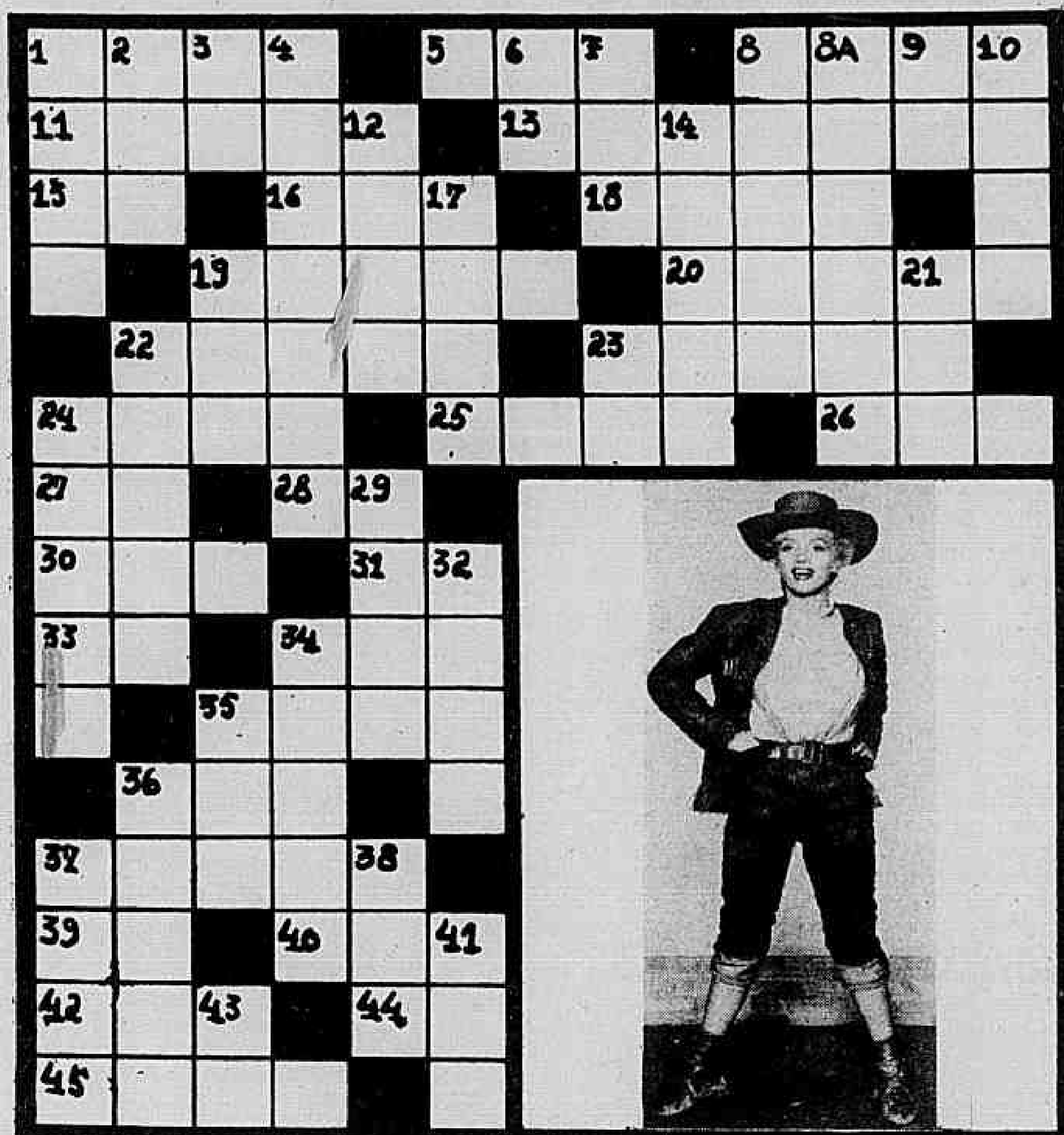
— Hoje encaro êsse período negro da minha vida como um simples pesadêlo! — explica a atriz. Relembro-lhe uma entrevista que tivemos há tempos, durante a qual ela me dissera que sentia até um certo **receio de ser tão feliz.** «Tenho tantos motivos para isso!» — confessara-me ela. — «Tenho meu filho, meu marido, minha mãe e minha carreira. Deus me deu muito mais do que mereço...»

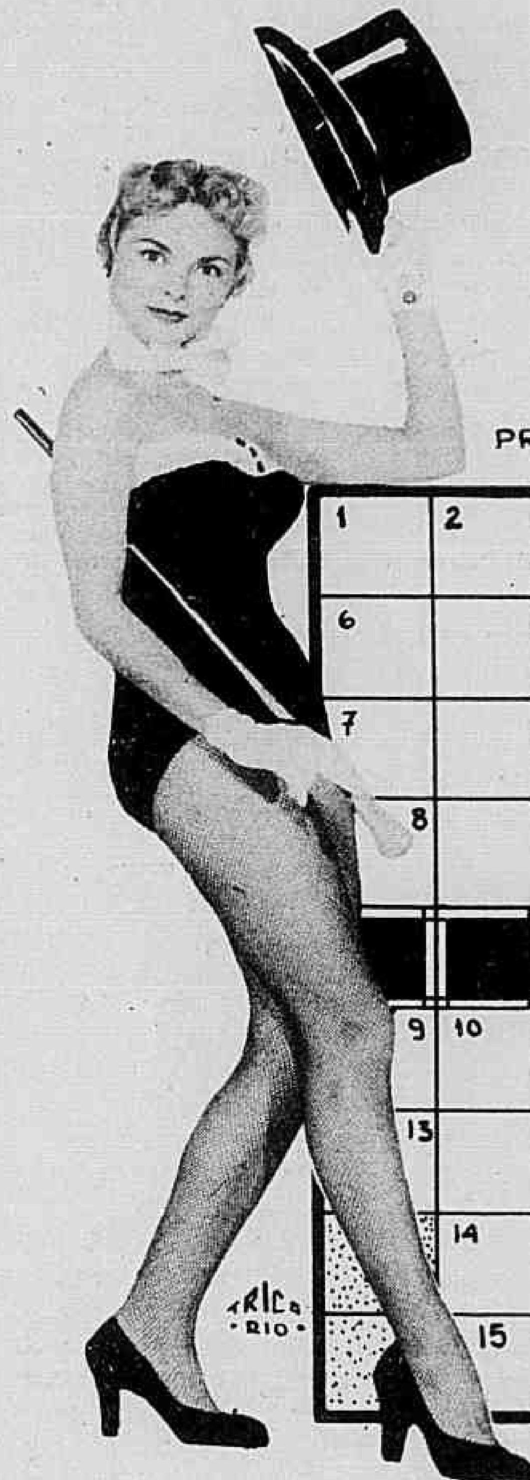
— Sim, lembro-me bem dessas declarações, — diz a «estrêla». — Naquela ocasião eu me considerava invulnerável a qualquer sofrimento. Não contava com a covardia humana com relação à morte, principalmente ante uma doença tão terrível como o câncer! E o pavor substituiu a sensação de felicidade, acarretando o natural abalo dos nervos e alheiando-me a tudo o que me cercava. Só hoje, depois de passado o falso alarme é que posso analisar tudo com serenidade e ver como fui egoista... e como é admirável uma criatura como Suzan

(Cont. na pág. 36)

Cine PASSATEMPO

por Trica Antonio





PROBLEMA N.º 3

NILDO O. DANTAS (Rio)

VERTICAIS: 1 — Extraordinário; 2 — Cólera; 3 — Alto lá! Basta!; 4 — Arremessara o arpão; 6 — Artigo plural; 7 — Duas vêzes; 8 — Prenome do "astro" de "Borrasca"; 8A — (Gir.) Indivíduo fácil de ser enganado; 9 — Atmosfera; 10 — O que não existe; 12 — Espécie de palmeira, 14 — Perceber; 17 — Soltar gemidos de dor; 19 — Papa de umbu; 21 — Multidão; 22 — Castigar; 23 — Enxerguei; 24 — Conhecer; 29 — Sobrenome da espôsa de Sérgio Kroeff; 32 — Cura; 34 — Preparar (qualquer máquina); 35 — Colorido; 36 — Máquina para elevar líquidos; 37 — Filho de jumento e égua; 38 — Aguardente de melaço; 41 — Contração. (Pl.); 43 — Último mês de verão entre os sírios.

HORIZONTAIS: 1 — Ex-espôsa de um príncipe. Ela é da Columbia; 5 — Como é conhecido o "astro" de "Quo Vadis?"; 8 — Primeiro nome da "estrêla" de "Precipícios D'Alma"; 11 — Ave da família dos Psitacídeos, de cauda longa e pontuda; 13 — O marido de Ava Gardner; 15 — Sol dos Egípcios; 16 — Lavatório; 18 — Adição; 19 — Cantora famosa da Warner; 20 — O planeta que habitamos; 22 — Beira-Mar; 23 — Despovoado; 24 — (Fig.) Grande trabalho; 25 — Desmoronar; 26 — Reza; 27 — Pref. denota: Falta, privação; 28 — Outra coisa; 30 — Prof. significa: Vida, alimento; 31 — Exímio; 33 — Aliás; 34 — Nome de mulher; 35 — Acreditar; 36 — Caritativo; 37 — Habitar; 39 — Único; 40 — Caminho; 42 — Extremidade; 44 — Pedra de amolar; 45 — Apêndice Traseiro.

(Recorte e envie com a sua solução)

Nome..

Endereço..

Cidade........................ Estado..........................

PROBLEMA N.º 4

Consiste êste problema em um tipo comum de Palavras Cruzadas, tendo porém a particularidade de que quando as casas estiverem completas com os conceitos certos, surgirá na casa 1 e 9 H. o nome da Artista da Universal cuja fotografia aparece no desenho.

HORIZONTAIS:

6 — ...... Bilac — Famoso poeta brasileiro.
7 — Mamífero semelhante ao veado (pl.).
8 — Que tem muitos anos.
13 — Do verbo coser.
14 — Tornar ôco.
15 — Sufixo denota fôrça, qualidade, etc.

VERTICAIS:

1 — Toma parte no jôgo.
2 — .... Ladd (Prenome de "astro" cinematográfico.
3 — Namorico, galanteio por distração.
4 — Duração sem fim.
5 — Do verbo tosar.
9 — Lauro Costa.
10 — Sobrenome de Apollo.
11 — Batráquio (pl.).
12 — Cidade espanhola.

Ribalta

POR A. ALENCASTRE

É SOPA NO MEL

Revista de Freire Júnior e Luís Peixoto, com músicas de José Maria de Abreu e outros, no Teatro República

A reabertura de um dos nossos maiores teatros para a estréia da Cia. Freire Júnior, com a revista "É Sopa no Mel", foi uma noite de festa e o maior acontecimento teatral do ano; e, teria sido o seu ponto alto se os artistas, mais bem ensaiados, soubessem melhor os seus papéis, e, se não houvesse tanta demora e atrapalhações no armar e montar as cenas, nas mudanças dos quadros. A revista não tem a grandiosidade e "feerie" dos últimos espetáculos musicados, é verdade, mas, está montada com muito gôsto e luxo, e com muita graça e humorismo, principalmente nas críticas políticas e sociais, nas quais os autores são mestres consumados. E, além disso ela tem um grande merecimento: é mais nossa, mais brasileira, e com os seus sambas, suas marchinhas e suas cabrochas ela é carioca cem por cento. O prólogo "No Reino de Baccho" é divertido, bem imaginado e bem movimentado, com um cenário comum, mas expressivo, e, bem defendido por Marilu, que faz a "Cachaça", e está brilhante e muito a vontade no papel, e, Manoel Vieira que faz bem o "Vinho Verde". Ao invés de um Deus alegre e folgazão, e em estado de embriaguês, Grijó Sobrinho nos dá um "Baccho" sério, circunspecto, com um tom de voz autoritário e atitudes marciais, parecendo mais um oficial nazista. Pedro Dias, na "Batida Paulista", se excedeu um pouco e fêz um Ademar muito "cafageste". (Será política??!!...) Marion fêz uma "Champanhe" deliciosa, espumante de graça e beleza, dizendo e cantando com muita expressão e malícia brejeira, foi a melhor artista em cena, e no seu número "A Dama da Noite", com seu "donaire", com seu movimentar gracioso e picante, com sua voz bonita e bem timbrada, lembrando as grandes vedetas da opereta, mereceu as honras da noite. Parabéns! Violeta Ferraz, a nossa querida caricata, que sabe dar vida e colorido a todos os papéis, estêve esplêndida na cortina política "Tudo Azul", que retrata com muito espírito e amarga ironia a situação aflitiva, que ora atravessamos, e, muito humana, muito natural e gozadíssima na charge social "Copacabana", que focaliza muito bem a nossa sociedade **coca-cola**, sem escrúpulos e interesseira, fazendo tudo pelo dinheiro, destacando-se, nesse quadro, as duas novas estrelinhas Suzi Montel e Renée Mara, que além de uma plástica admirável, em biquines audaciosos, fizeram com muita graça e sabor duas jovens casadoiras. Siwa, perdeu aquêle ar de garôta brejeira, está mais senhora, mais vistosa. A sua entrada em cena é um espetáculo, fêz bem e com malícia o seu número "Pandeiro" e com muita elegância a "Madame Piff-Paff". Virgínia de Noronha, sempre elegante, bonita e risonha, veio dançando e cantando a já conhecidíssima "Rosa Arredonda a Saia", num belo quadro típico português "Rapsódia Algarvia", coadjuvada pelas **girls** e **boys**, muito bem vestidos, e bem marcados. Maria do Céu, essa figurinha mimosa e gentil, roubada de um quadro de Watteau, embora vestida com gôsto e luxo, interpretou sem entusiasmo o pouco que lhe deram. Que foi isso?! Cansaço pelo excesso de ensaios?!... Anilza Leony, cada dia melhorando sempre, fêz com muita propriedade a menina sofisticada na charge social "Na América é Assim...", e interpretou com uma graça especial o número de platéia, "Margaridas". Marga Vernon, uma nova bailarina estreou fazendo sucesso, dançando com muito desembaraço e classe vários números bonitos, destacando-se em Lenda Hindu, bailado exótico, que fêz com muita expressão e arte. Judy Clair, do nosso Municipal, arcando com uma responsabilidade enorme, pela sua pouca idade e três anos só de "ballet", saiu-se muito bem nos vários números que dançou, com muita leveza e graça, notando-se, entretanto, que ainda lhe falta firmeza e segurança nas atitudes e em certos passos. Foi notável no "Baile de Máscaras", que foi o melhor quadro da peça, muito bem vestido, muito bem marcado e muito bem dançado. Parabéns à coreógraga! No quadro "Cachorrinha de Estimação", a sua interpretação é mais de uma gatinha amorosa, e o que seria mais razoável, pois o seu namorado não devia ser um cachorro, pois quem vem pelos telhados e entra pela janela é gato. Quadro fraco, de cenário inexpressivo, e, cópia de um melhor já feito no Recreio. "Fuxicos" com Pedro Dias (que roubou o quadro pelo tipo e pela esplêndida mímica). Manoel Vieira e Grijó Sobrinho, em "travesti", apesar de não ser novidade, agradou em cheio, e fêz a platéia rir a valer. É um pouco longo. Jupira, com voz bonita e muito agradável, cantou e dançou, com as suas pastoras, muito bem vestidas, marcadas e ensaiadas, um número de môrro no Prólogo, que foi bisado e uma marcha rancho, lindíssima: "Borboletas", dando assim um sabor bem nosso, bem carioca, a revista. Cubanita de Bronze, agradou dançando à maneira das "estrêlas" do cinema mexicano, com requebros exagerados de ancas, quadris e busto. Está começando mal, pois dança é expressão de arte e como tal tem estilo e coreografia certa e determinada. Augusto César, ótimo "chanssoneur", cantou e dançou com as "girls" um esplêndido número: "Zuque-Zuque". Deve ser melhor aproveitado na revista, pois tem boa voz, tem desembaraço e não é efeminado. Fernando Vilar, vestido com elegância, dizendo com clareza e cantando bem, destacou-se nos números que interpretou. Com um pouco mais de desembaraço e esfôrço poderá ser um galã brilhante. Valter Teixeira, progredindo sempre, fêz bem o tipo político. O quadro que abre o 2.º ato "Recepção no Guanabara" é fraco, tendo apenas de bom o "Getúlio" de palhaço. Que ótima fotografia de subconciente! Quanta sinceridade!... No quadro político "Falando Francamente", de feitio pirandelesco dando margem à dupla interpretação, merece registro especial o trabalho magistral de Manoel Vieira no deputado Heitor Beltrão. Gonçalo Cortez, cantor mexicano, embora fora do texto, agradou muito cantando dois belíssimos números de seu repertório, com bonita voz, forte e bem timbrada. Luz del Fuego, aparece quase no final, no número "Animadora de Serpentes", onde dança enroscando-se com três cobras enormes, um bailado sensual de efeito, e, que apesar de já visto é sempre um número de atração. Merece registro especial a apoteose no final do 1.º ato: "São Paulo Quatrocentão", empolgante, vistosa, muito movimentada, com luxuoso e expressivo guarda-roupa e onde aparece Ana Zuleica, "Miss Centenário" com seu séquito de lindas gartas. Achei estranho que executassem a marcha "Capitão Caçula", como "back-ground" musical, quando seria mais lógico e acertado a marcha típica e característica: "São Paulo Quatrocentão", feita de propósito para tal comemoração. A inovação da Passarela que vem do palco, pelo centro da sala até as últimas filas, iluminada por baixo com luzes de côres, não aprovou, pois força o espectador a manter a cabeça voltada, numa posição incômoda, para acompanhar a cena ou o desfile até o final da mesma, e quebra o ritmo do espetáculo, pois o palco fica vazio durante todo êste tempo. No final do espetáculo surge no palco uma enorme cobra que avança pela Passarela, aos trancos, trazendo no seu bôjo tôda a companhia. Isto muito interessante e pitoresco como idéia, falhou grotescamente como realização. Talvez se ela viesse do palco às escuras, e pintada com côres luminosas e avançasse pela passarela, lançando um jôrro de luz vermelha pelas fauces, o efeito não seria melhor e mais interessante? (A. A.)



Pedro Dias: roubou um quadro com sua comicidade.



Maria do Céu: poucc entusiasmo no palco

CONVERSAS NO "AMARELINHO"

O Jota Efe Gê, intrigado e curioso:

— O que houve no Teatro Dulcina, que o Danilo foi obrigado a chamar a Rádio Patrulha?

— Foi tudo por causa de "Uma Certa Viúva...", respondeu malicioso o De Chocolat.

* * *

O Carlo Machado, com grande mágoa, à Norma Tamar:

— Você sabe que a Lili Marlene tentou suicidar-se?!..

— Esta, não!.. Isto é "Piada de Salão"..., e sorriu cinematogràficamente.

* * *

A Marilu, ao Marchelli:

— O Manoel Vieira, depois que enviuvou ficou uma fera. Agora, êle está dando em cima de uma mulata que é uma verdadeira rainha.

— Má, próprio, una Vera Regina??!!... Mulata?!...

— É a voz do sangue, comentou o Gambôa rindo.

* * *

O Trinta, indagou ao José Vanderlei:

— Mas, como é?!! O Badu casa-se mesmo com a Samaritana?!.. E, quando?!...

— Ora, quando fôr eleito vereador!...

* * *

O Danilo, intrigado ao seu Secretário:

— Por que é que o José Soares, tôdas as tardes, fica na entrada do saguão do teatro, todo alinhado, perfumado, e, com poses de galã?!...

— Ora, é para ter o prazer de ouvir das senhoras e moças, que vêm ver o próximo cartaz da Dulcina, dizerem: "Olha? é "O Homem da Minha Vida"...

— Ah!, sim. Morei no assunto. O prazer da ilusão!... Tá certo. Tem razão.

* * *

— Porque a atriz Virgínia de Noronha, na estréia de "Sopa no Mêl", no República, no seu número com a platéia, foi logo brincar com o Comissário de serviço, na frisa da polícia?!.. perguntou o Maurício ao Vadeco.

— Tá na cara. A exemplo das patrícias, ela também quer se casar!... respondeu êste irônico.

* * *

O J. Maia, estrilando, decepcionado e aborrecido:

— Eu pensei que a "Miss Centenário", fôsse uma paulista espetacular, alta, elegante e vistosa!

— A que veio, foi apenas a Maquête, a Miss Quatrocentão vem depois, interveio explicativa a Luz del Fuego.

UMA CERTA VIÚVA

Comédia em 3 atos, de S.R. Berhman e Jean Wall, em tradução de Miroel Silveira.

A peça é extraída da novela «JANE» de Somerset Maugham, em que DOROTHÉA FOWLER (Dercy Gonçalves), viúva roceira e rica de Liverpool, vem a Londres, em casa de sua cunhada MILLIE TOWER (Vitória de Almeida), trazendo a notícia de seu casamento com um jovem arquiteto, GILBERTO FORBISHER (Herval Rossano), muito mais moço que ela, e, a quem amparara e agasalhara mais por um impulso maternal.

Para manter sempre vivo o amor do marido, e, a fim de que êle não sinta essa diferença de idades, Dorothéa se transforma, como num passo de mágica, numa dama elegante, vistosa, de maneiras distintas, chegando a se tornar figura de relêvo na alta sociedade londrina, e, passando a viver intensamente a vida fútil e agitada das grandes cidades, e, vindo até a ser cortejada por muitos homens.

Mas, isso lhe traz logo um problema sério, pois o seu organismo, já gasto e cansado pela idade, se ressente com êsses excessos, em contraste com a exuberante mocidade de Gilberto, o que a obriga a pensar e refletir. E, ela então, usando de um artifício muito feminino, resolve tôda a situação de uma maneira sensata e certa, abdicando dêsse amor, embora com grande pesar, e, voltando sòzinha para a sua cidade, para recomeçar a sua vida antiga, calma e sossegada.

Com tal enrêdo a comédia devia ser dramática, mas, Dercy, com a sua exuberante veia cômica, sua marcante personalidade humorística, sua prodigiosa capacidade inventiva, com suas excentricidades gozadíssima e seus disparates cômicos, transformou-a numa «chanchada» à sua maneira, «à la Dercy»!..., fazendo o público rir a valer, durante duas horas.

Mas, há um momento, porém, que a cômica, a excêntrica, a caricata desaparece e surge então a outra Dercy ,a atriz com «A» maiúsculo. E' quando ela conta a Millie, incrédula e curiosa, como foi que começou êsse amor, como um moço, elegante e bonito veio a se apaixonar por ela, uma roceira velha e já quase sem atrativos físicos. Êsse relato é feito com tal sinceridade, e tanta naturalidade, que chega a emocionar. Há um colapso de riso, e vai se fazendo um silêncio absoluto na sala. A platéia se comove, e estabelece-se um «suspense» no ambiente. E, quando ela termina êsse relato tão humano, há lágrimas em todos os olhos. Muito obrigado Dercy por êsse belo momento de verdadeira arte de representar. Parabéns!

Já com os demais artistas, infelizmente, não sucede o mesmo. Nota-se e sente-se a falta de um diretor, para orientá-los, conduzi-los e ensaiá-los. Pois estão completamente à sôlta, e, agindo errada-

(Cont. na pág. 14)

A ÚLTIMA QUINZENA TEATRAL



JOANA D'ARC está mostrando suas «pernas provocantes» na Cinelândia...

No Recreio continuou o sucesso de «As Urnas Vão Rolar». Mesquitinha e Mara Rúbia são os «donos» dessa revista empresada p... Ferreira da Silva e assinada por vários autores, entre êles Paulo Orlando. ★ O proprietário do Follies, sr. Antônio Carrera, homenageou no dia 8 dêste mês o empresário Zilco Ribeiro com uma festa naquele teatrinho, festa que aliás teve dupla significação, pois naquela mesma data a revista «Doll Face» completava suas duzentas representações. Parabéns ao dinâmico Zilco! ★ Desde o dia 9 que Joana D'Arc invadiu a Cinelândia com a revista «Pernas Provocantes», que muito sucesso fêz quando de sua apresentação em São Paulo. Spina é o cômico da Companhia que está no Glória disposta a fazer uma bela temporada. Fazemos votos que acertem, principalmente Joana que não foi muito feliz quando encenou no João Caetano, outra revista, a «Bomba da Paz». ★ Dulcina, de volta ao Rio, está apresentando desde o dia 13 no Teatro que leva seu nome, a peça «O Homem de Minha Vida», de Michel Dulud em tradução de Bandeira Duarte. ★ Eva está interpretando no Serrador, com sucesso, a peça «História Proibida», que a Censura classificou como «Imprópria até 18 anos». Com a peça, à exemplo do que já fizera em «Rainha do Ferro Velho», Eva experimenta um gênero novo na sua vida artística. ★ Dercy Gonçalves já está preparando para o Teatro de Cultura Artística de S. Paulo, uma nova «bomba de riso»: a comédia da época, «Lucrécia Borgia», de Miroel Silveira e Danilo Bastos. ★ Apesar do sucesso de «E' Sopa no Mel», Freire Júnior já está ensaiando uma nova revista, escrita de parceria com Luís Peixoto, pois precisa fazer repertório para sua próxima temporada em S. Paulo, ainda no final dêste ano. ★ — Milu e sua companhia portuguêsa de revistas, ao que se diz, não mais virão para o Carlos Gomes, teatro que está sendo cobiçado pelo empresário Carlos Machado para uma temporada. ★ A Cia. Dramática Nacional continua excursionando pelos Estados do Norte. (A.A.)



EVA TUDOR está contando uma História Proibida no Serrador...



MARION está sendo atração nos espetáculos do República...

Loção XAMBÚ
DÁ BELEZA E VIGOR AOS CABELOS
CONTRA A CASPA E CABELOS BRANCOS
EXITO GARANTIDO

S. PAULO - HOLLYWOOD

(Continuação do número anterior)

tureiro de São Paulo que já havia conquistado 70% da rota que todos julgavam impossível. De Manágua a Nicarágua, porém, François teve novas dificuldades com a "Balzaquiana" e vendo-se imobilizado na estrada, foi empurrado pelo Arcebispo de Manágua, de quem se tornou grande amigo. Na Guatemala, outra vez sem dinheiro, o nosso herói provou ser de fato um rapaz de fibra: aprendeu tudo sôbre a cidade e arranjou um emprêgo de guia para turistas americanos! Saindo da América Central, êle teve de embarcar a "Balzaquiana" num trem para Tapachula, no México, pois vira que jamais poderia atravessar a zona de pantanal daquela região.

— Foi a última vez em que fui forçado a despachar a "Balzaquiana", — conta François. — Dali por diante, não tive mais trabalhos, pois as estradas eram maravilhosas. Comecei, então, a usar a velocidade de 65 a 70, fazendo quase 10 quilômetros com um litro de gazolina.

O jovem brasileiro passou o Natal e o Ano Novo na cidade do México, sendo alvo da curiosidade popular que cercava o seu carro onde quer que passasse. Foi entrevistado por emissoras radiofônicas e de televisão, aparecendo até em jornais cinematográficos. Deixando o México em princípios de Janeiro de 1954, François entrou, finalmente, nos Estados Unidos, através de El Paso, Texas, já com a "Balzaquiana" em frangalhos, mas o espírito de bandeirante mais firme e confiante do que nunca! O pessoal da Alfândega americana recebeu-o muito bem, examinou o carro de ponta a ponta e, depois, um oficial disse ao rapaz:

— De duas, uma: ou você é um herói ou um louco! Mas... seja benvindo!

O povo americano adora tais aventuras e François diz que nunca foi tão bem tratado como quando atravessou os Estados do Texas, New México e o deserto do Arizona. Entrando na Califórnia êle passou três dias em Palm Springs, a terra do sol e outro tanto nas montanhas de Arrowhead, em contato com a neve. Satisfeito com êsses extremos, rumou para San Diego, Capistrano Beach e, finalmente, Hollywood. Completara, então, 8 meses de viagem e, logo ao chegar, procurou-me, pois trazia uma carta de recomendação de um amigo comum do Brasil para que eu o guiasse pelas "sendas" de Hollywood.

— E aqui estou, ainda perguntando a mim mesmo como realmente consegui coragem para enfrentar tôdas as dificuldades e, o que é melhor, vencê-las e atingir um objetivo que muitas vêzes me parecera impossível!

Levei François aos estúdios da Universal-International e, ao contrário dos outros visitantes que lá vão ver as "estrêlas", foram estas que cercaram o jovem brasileiro de homenagens, crivando-o de atenção e perguntas... ainda atônitas com o carro em que êle cruzara três continentes... O galã Tony Curtis ficou maluco pela "Balzaquiana" e queria comprá-la, chegando a fazer vantajosa oferta! Onde quer que passássemos com o carro, interrompiam-se as filmagens e todos vinham saber da procedência do "old jalopy". Mas o que mais entusiasmou François foi conversar pessoalmente com sua atriz favorita: a encantadora Rita Gam. que estreou com Ray Milland em "O Ladrão Silencioso", aquêle filme sem diálogos. Rita estêve recentemente na África filmando "Saadia", com Mel Ferrer e Cornel Wilde e, na Alemanha, atuando ao lado de Gregory Peck em "Night People". Visitamo-la no **set** de "Singn of the Pagan", que está fazendo em Hollywood com Jeff Chandler, e Rita — encantada com o heroísmo do seu "fan" brasileiro — recebeu-o com um caloroso abraço, sendo imitada por Piper Laurie, Mari Blanchard, Kathleen Hughes e pelo "astro" Rory Calhoun. Durante todo o dia, no restaurante do estúdio e nos **sets** de filmagem só se ouviam os "ohs!" e "ahs!" de admiração quando se falava no jovem brasileiro, **dono da "Balzaquiana"**... E François — ainda atordoado com o legítimo entusiasmo dos artistas de Hollywood e meio perturbado ante os penetrantes olhos verdes de Rita Gam — apenas murmurava:

— Parece um sonho... parece um sonho!

Mas as suas emoções não cessaram ali. No dia seguinte, levei-o — ou melhor, a "Balzaquiana" nos levou... — a Beverly Hills para visitar Carmen Miranda. Ela nos esperava com um traje verde-amarelo e as côres da nossa bandeira nunca me pareceram tão apropriadas como quando a "pequena notável" acolheu François com um carinhoso abraço bem brasileiro.

— Só por isso vale a pena ter cruzado as Américas sob o frio e a chuva! — disse François Emille Moreau galantemente.

Mas como um insaciável aventureiro, o jovem paulista não considerou seu objetivo completo, com a vinda a Hollywood. Resolveu ir mais além, e, a estas horas, encontra-se de novo no "Ford" cruzando o país, rumo a Nova York! Da fabulosa metrópole. êle pretende embarcar a "Balzaquiana" por via marítima para o Brasil, regressando de avião a São Paulo. Planos para o futuro?

— Estudar engenharia-mecânica para pôr em prática tudo que esta viagem me ensinou...

O MISTÉRIO DE DORIS DAY

(Cont. da pág. 32)

Ball, que nunca teve mêdo da morte e que enfrentou as conseqüências do câncer com um sorriso!

A despeito da honesta confissão da sua fraqueza bastante compreensível (o que não se compreende é a coragem de uma Suzan Ball), Doris Day é uma criatura digna de admiração pela franqueza com que expõe os seus temores, hoje felizmente desaparecidos.

— Se existe quem já devia estar mais do que convencida de que **Deus escreve certo por linhas tortas** sou eu! — admite Doris enquanto relembra a história da sua carreira como cantora, tão tràgicamente iniciada:

— Foi há, precisamente, 15 anos. Eu era, então, uma adolescente cheia de sonhos e com uma única ambição: tornar-me bailarina profissional. Conseguira um contrato com o conjunto de Fanchon & Marco e havia acabado de estrear num teatro de Cincinatti, minha cidade natal, quando sofri um acidente de automóvel e quebrei a perna direita. Desnecessário será dizer que minhas ambições foram por água abaixo e atingi um grau de intenso desespêro. Fiquei um ano e dois meses com a perna engessada. A princípio, não queria saber de nada e ficava na cama cultivando mòrbidamente a minha falta de sorte, mas, afinal, mamãe começou a convencer-me de que, se eu tinha ambições artísticas, a carreira de bailarina não era a única no mundo! Aconselhou-me a exercitar a voz. «Nada a impede de estudar canto enquanto não pode movimentar a perna», disse ela. «E se, depois, ainda puder dançar, muito bem: será, então, uma «vedette» completa!»

Doris seguiu os sábios conselhos maternos e o resultado foi que, dois anos depois, vencia ela um concurso radiofônico para vocalista da orquestra de Barney Rapp! Contava, então, 16 anos de idade e ainda assinava Doris Kappelhoff, seu verdadeiro nome, mas Barney aconselhou-a a substitui-lo por outro mais fácil. Doris selecionou, então, o sobrenome «Day» por causa da canção com que vencera o concurso: «Day After Day». Daí por diante, ela foi se impondo como uma das favoritas dos fãs da música americana em todo o mundo. Cantou com as orquestras de Fred Waring, Les Brown e Bob Crosby. Gravou discos e mais discos. E um dêles atraiu a atenção de Hollywood. Era «Sentimental Journey», que se tornou logo um dos favoritos do «Hit Parade» de 1947. Já era, pois, bastante conhecida do público de jazz quando veio à California cantar no «Palladium», uma das maiores pistas de dança do país. Um amigo disse-lhe que a Warner estava procurando uma cantora de espírito bem vivo e alegre para ser a «estrêla» de «Romance em Alto Mar», um grande musical a ser dirigido por Michael Curtiz. Doris contratou um agente e apresentou-se ao estúdio para um «test». Mas, justamente no dia marcado, encontrava-se ela num período crítico da sua vida. Em New York, deixara o filhinho Terry bastante enfêrmo aos cuidados da sua mãe. Terry — que, na ocasião contava 4 anos de idade — era o produto do fracassado casamento de Doris com Al Jorden, músico da orquestra de Jimmy Dorsey que ela desposara num momento impulsivo, bem próprio de uma adolescente. Logo depois, casara-se com George Weidler, outro músico (irmão da ex-«estrelinha» Virginia Weidler). Mas George se achava excursionando por todo o país e Doris não o tinha ao seu lado quando mais precisava dêle. Assim afastada da família e ainda com o filho bem doente, a loirinha sardenta não se considerava mais possuidora daquele espírito vivo e alegre que Michael Curtiz requeria para a sua heroína. Quis esquivar-se de fazer o «test», mas tudo já havia sido marcado e não houve alternativa. Cantou e fêz comédia com Jack Carson. «Tenho certeza de que não serei aceita!» — murmurou ao seu agente. E, ao terminar o «test», rompeu em prantos... lágrimas incontidas provocadas pela avalanche de acontecimentos com sua família que a preocupavam.

— Como é que pôde fazer **êste** «test» com tal estado de espírito? —perguntou-lhe Mr. Curtiz. — Isto prova que é uma verdadeira atriz. O papel é seu!

— Foi o dia mais feliz da minha vida! — conta Doris. — Porque, afinal, havia conseguido algo além das minhas fôrças.

Tão logo assinou contrato com a Warner, ela mandou buscar a mãe e o filhinho em New York e, graças a uma bem cuidada hospitalização, o garôto recobrou inteiramente a saúde. O marido George, porém, não chegou a partilhar da brilhante vitória de Doris em Hollywood, pois suas contínuas excursões afastavam-no da espôsa. De comum acôrdo, pois, o casal resolveu acabar com aquêle casamento sem finalidade. E sem essa preocupação — uma alegre divorciada na Meca do Cinema — Doris Day concentrou-se inteiramente na sua nova carreira e acabou uma das «minas de ouro» da Warner, pois seus filmes hoje rendem milhões! Mas... não poderia viver sem o amor. Durante todos êsses anos, foi sàbiamente guiada pelo seu primeiro e único agente em Hollywood: Marty Melcher Quando percebeu que a sua constância mantendo o agente era porque **estava apaixonada por êle**, Doris desposou-o imediatamente e hoje ambos formam um dos casais mais simpáticos da cidade. Marty adotou legalmente Terry (atualmente com 11 anos), que trata como se fôsse seu próprio filho e os quatro (sim **Mamãe** Day também!) vivem felizes na pitoresca casa de Westwood.

•

Até agora, Doris já fêz 15 filmes em Hollywood e fica contentíssima quando lhe digo que no Brasil já gostavam da sua voz muito antes de vê-la na tela.

— «Isn't that sweet of you?!» — exclama a «estrêla», ao mesmo tempo em que adianta que o Brasil ocupa um lugar carinhoso no seu coração, pois em «Romance em Alto Mar» — sua primeira experiência frente às câmaras — o tema da história era uma viagem de navio ao Rio de Janeiro. Pergunto-lhe se é certo que irá ao Brasil cantar em «boites», como espalhavam os rumores.

— Não, — esclarece a «estrêla». — No dia em que eu fôr ao Rio será apenas como turista. De fato, tenho recebido propostas para atuar em «night-clubs» brasileiros, mas não as aceito porque jamais poderia voltar a cantar em público. Parece incrível, mas sofro «stage fright!» Se entrasse num palco para enfrentar u'a multidão que eu soubesse estivesse de olhos concentrados apenas em mim, acho que não conseguiria dar uma só nota!

— Como é que pôde, então, cantar com orquestras e, posteriormente, trabalhar no cinema, Doris? — argumento.

— Oh, isso é completamente diferente! — exclama a sorridente «estrêla». — Com as orquestras de jazz pouca gente sabia o meu nome e eu me sentia parte das mesmas porque a atenção não era concentrada apenas na minha pessoa e, sim, no maestro e nos demais músicos que se destacavam com seus instrumentos. Quanto ao cinema,

(Cont. na pág. 42)

O LEITOR DIZ O QUE PENSA

VOZES FEIAS QUE SÃO BELAS

Uma das grandes atrações de uma «estrêla» é a sua voz. Mas isto não quer dizer que necessàriamente tôdas as artistas devem possuir vozes bonitas. Muitas há, que têm vozes horrorosas mas que atraem de tal maneira que os fãs chegam a achar suas vozes lindíssimas. (Claro que estamos falando não das vozes das cantoras, e sim, das atrizes pròpriamente ditas).

Como exemplo do que acabamos de afirmar temos Jan Sterling, Patricia Neal e Judy Holliday, entre outras. E não quer dizer que elas aproveitem suas vozes para efeito cômico, muito pelo contrário, com exceção da última, elas só fazem papéis dramáticos.

Jan Sterling começou em pontas de filmes policiais. Depois subiu a «estrêla» e, atualmente, só faz papéis principais. Um de seus maiores êxitos foi «A Montanha dos Sete Abutres», um grande filme. Ela está verdadeiramente notável, aproveitando ao máximo seu expressivo rosto e sua voz, que é completamente diferente da totalidade de vozes de Hollywood.

Patricia Neal tem uma voz quente, feia e... bela. Meio engasgada e de uma expressividade incrível. No decorrer da projeção de seu Filme «Cinzas ao Vento», eu próprio ouvi fãs que suspiravam e se extasiavam com a voz desta grande atriz.

Judy Holliday é a de voz mais feia. E' verdadeiramente incrível a voz da Judy. Como não deve ter sido difícil a essa garôta ter de impor esta voz que a natureza lhe deu. Saindo de um tremendo êxito nos palcos da Broadway, Judy foi para Hollywood. Logo de início ganhou o «Oscar» da Academia. Depois dêste primeiro êxito, ela fêz «Da mesma Carne», que foi mais um sucesso e mais uma boa comédia.

Êstes exemplos são bons para que, se alguém tem voz feia, mas deseja ser ator de teatro ou cinema, veja que esta mesma voz adequadamente usada, será até um atrativo.

Do leitor CARLOS AQUINO — (Salvador — Bahia).

«CINEMA NACIONAL»

Eis um assunto que nunca desejei comentar, apesar de conhecê-lo desde criança, pois sou do tempo de «Braza Dormida», «Favela dos Meus Amôres», «Foot-Bal em Família», «Alô, Alô, Carnaval», «Fazendo Fita», «Sangue Mineiro», etc. Carlos Moreno, Olímpio Guilherme, Lia Torá, Carmen Santos, Amélia Oliveira, Carlos Modesto, eram os primeiros bandeirantes da indústria cinematográfica no Brasil. Nomes famosos no palco como Genézio Arruda, Alda Garrido, Procópio Ferreira, Juvenal Fontes, também apareciam nestas primeiras aventuras. Anos foram passando surgiram novos nomes: Arnaldo Amaral, Carmen e Aurora Miranda, Alzira Camargo, Jaime Costa, Ítala Ferreira, Belmira de Almeida, Joel e Gaúcho, Anjos do Inferno, Bando da Lua e outros, era a época dos filmes «Banana da Terra», «Abacaxi Azul», «Alô, Alô, Brasil».

Tempos depois surgiu Gilda de Abreu, Delorges Caminha, Conchita de Morais, Mesquitinha, Déa Selva (que já fizera nos primórdios do cinema «Ganga Bruta»), e surgiram filmes como «Bonequinha de Sêda», «João Ninguém», «Anastácio», «Pureza». Com esta arrancada surgiu Raul Roulien vindo de Hollywood, apresentando-nos «Grito da Mocidade», «Azas do Brasil», «Aves sem Ninho», que vieram formar com «Bonequinha de Sêda» os nossos melhores filmes.

Daí para cá enveredamos para uma série de películas sôbre carnaval, novos nomes foram surgindo: Oscarito, José Lewgoy, Ankito, Colé, Grande Otelo, Miriam Tereza, Celeste Aída, Fada Santoro, Emilinha Borba, Virgínia Lane, etc. «E' com êste que eu vou», «Carnaval no Fogo», «Fogo na roupa», «Três Recrutas», etc.

Os produtores cariocas só visam fazer dinheiro com filmes carnavalescos, êstes têm boa aceitação, rendem muito dinheiro, graças a Oscarito, Othelo, Eliana, Cyll Farney, etc. Daí têrmos também na praça a verdadeira arrancada do cinema nacional, com belos filmes como «Caiçara», «Sinhá Moça», «Cangaceiro», «Destino em apuros», «Terra, sempre terra», «A sogra», «Nadando em dinheiro», «O comprador de fazendas», «Esta mulher me pertence» que foi batizada com o título de «João Gangorra», etc. São Paulo tem feito o possível para firmar-se à frente da indústria cinematográfica no Brasil. Bons filmes, bons enredos, bons artistas, excelentes fotografias. E até mesmo diretores como Barreto, Cavalcânti, etc.

Não quero entrar no âmago da história do cinema no Brasil, pois já somos autênticos vovôs na arte cinematográfica; se não houvesse progresso em comparação ao cinema americano, francês, inglês, japonês, pelo menos estamos em grau superior ao cinema argentino e, mesmo mexicano, com as suas Antonietas Pons, Ninons Sevilhas. Resta-nos uma proteção mais eficiente por parte do nosso govêrno e confiança em homens como Raul Roulien, Alberto Cavalcânti, Lima Barreto, Ademar Gonzaga, para têrmos bons filmes. Astros e estrêlas temos em profusão, e nomes já firmados, com público certo para os seus filmes. Estrêlas como Tônia Carrero, Maria Dela Costa, Eliana Lage, Ruth de Souza, Dulcina de Morais, e figuras novas como Eliana, Marli Sorel, Fada Santoro, Miriam Tereza, astros como Procópio, Delórges, Oscarito, Grande Otelo, Cyll Farney, e figuras novas como Ankito, Colé, Catulo, Dick Farney, etc.

Do leitor DURVALTÉCIO DE ARAÚJO FONSECA — (Salvador — Bahia).



COM ÊLE EM CASA É MUITO FÁCIL GANHAR

Cr$ 1.000,00...

RESULTADO DA «VISITA-SURPRÊSA»

DOMINGO NO "O RADICAL"

SEGUNDA-FEIRA NO "CORREIO DA NOITE" e "O MUNDO"

O MELHOR PARA OS MÓVEIS

VENDAS PARA O INTERIOR DO PAÍS

PEDIDOS AOS REVENDEDORES:
Telefones: 32-9309 e 32-9415
Av. Rio Branco, 137 - sala 616
RIO

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº.......
NOME..........................
RUA.................. Nº.....
CIDADE........................
ESTADO........................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

Première em Hollywood

A MAIOR NOITE DO ANO DEU AO MUNDO UM NOVO ASTRO: ROBERT WAGNER

Por ALBERT BELL

EM 1950 um jovem entrou nos esmritórios da 20th Century Fox e com ar decidido, mas sem arrogância, declarou que se lhe dessem um papel êle faria carreira. Êsse papel veio-lhe depois de uma porção de «pontas» em filmes que nos foram acostumando ao seu rosto juvenil, tais como «Até o Último Homem», «Joguei Minha Mulher», «Os Homens Rãs», «Meu Coração Canta», «Náufragos do Titanic» e muitos outros, até que deram-lhe a almejada «chance» em «Rochedos da Morte», (Twelve Mile Reef) com Terry Moore e Gilbert Roland, em CinemaScope, o que lhe garantiu, em parte, «O Príncipe Valente», outro CinemaScope, com James Mason, Janet Leigh, Debra Paget e Sterling Hayden, sob a direção de Henry Hathaway. Dizemos em parte por causa da sua grande semelhança com o «boneco» das historietas ilustradas de Hal Foster, que ao ver Robert Wagner, de quem falamos, disse assombradíssimo:

— Mas... êste é o Príncipe que eu havia sonhado!

Robert Wagner provou ao mundo e aos fãs que seu talento era uma realidade, não um desejo insaciável de «estrelismo» ou vaidade pessoal. «O Príncipe Valente» teve a sua estréia mundial em Hollywood, no famoso «Grauman's Chinese», e tôda a colônia cinematográfica compareceu em grande estilo para saudar o novo galã, tipo romântico, destemido e galhardo, como outrora o fôra Douglas Fairbanks Senior.



O «astro» da noite, Robert Wagner, compareceu com Jean Peters e muitos pensaram que havia um novo romance em Hollywood...

FICHA PESSOAL DE ROBERT WAGNER

- Nome verdadeiro: Robert John Wagner Jr.
- Local de nascimento: Detroit, Michigan
- Época: 10 de fevereiro de 1930
- Nome da mãe: Hazel Boe Wagner
- Nome do pai: Robert John Wagner, Sr.
- Educação: Academia Militar de Hollywood, Blake-Foxe Military School, Harvard School e Saint Monica's High School.
- Altura: 1,80
- Pêso: 76 quilos
- Olhos: Azuis
- Cabelos: Castanhos.



O casal muito feliz, Jeffrey Hunter e Barbara Rush. Ela cada vez mais linda!



Ethel Mermam compareceu com seu espôso, Bob Six. Ethel foi muito aplaudida...



Zsa Zsa Gabor foi outro «show» da noite, comparecendo sem Rubirosa e tôda de «chiffon»...



Katy Jurado e Darrylin Zanuck Jacks em companhia de Leonard Goldstein e Robert L. Jacks...



Jeanne Crain, também muito linda com seu novo penteado e o espôso, Paul Brinkman

Louella Parsons, famosa colunista de Hollywood e fã de Robert Wagner, também compareceu.



Mitsi Gaynor, sempre em companhia de seu novo amor, Jack Bean. Ela distribuiu beijos...



As honras da noite foram também para Janet Leigh, «estrêla» do filme...



Rádio

E. STEIN

O NOVO «REI DO RÁDIO»



João Dias foi eleito o novo Rei do Rádio, num concurso que não despertou o menor interêsse por parte do público, e que, mais uma vez, evidenciou o desprestígio que goza a A.B.R. entre as nossas emissoras. Nenhuma delas deu a devida atenção ao pleito, incentivando e programando os seus concorrentes oficiais, como se tornava necessário, a fim de fazer vibrar os ouvintes que, como dissemos, ficaram alheios.

Não vimos organizadas as torcidas em favor de seus respectivos candidatos, como aconteceu com o recente concurso para a escolha da Rainha.

Não resta dúvida, no entanto, que a maior culpa cabe à Comissão Organizadora, (como sempre, falha), que, apesar de constituída por radialistas e jornalistas, não soube se dividir em sub-comissões de contrôle, divulgação pelo rádio, divulgação pela imprensa, outra de promoções de "shows", festas, programas e desfiles especiais nos auditórios de nossas emissoras e, uma, enfim, de coordenação, que, trabalhando ativamente, dariam ao concurso uma real projeção e um rendimento econômico correspondente ao título que se disputava.

Por suas grandes falhas, que deixam os candidatos sèriamente desalentados, em relação ao concurso, resulta o nenhum interêsse de nossos cartazes em participar do mesmo. E tudo isso, convenhamos, é muito lamentável! — (E.S.)



Neide Fraga: atração permanente da Rádio Record, de S. Paulo.

★ Ranchinho vem de processar seu antigo companheiro de dupla, Alvarenga para que o mesmo lhe pague uma indenização. Sem êle a dupla (muito antiga aliás) não mais poderá atuar no rádio.

★ Brandão Filho estreou com relativo sucesso ao microfone da Tupi no programa de Max Nunes, "O Mundo de Tanga", escrito especialmente para o conhecido cômico.

★ A Rádio Mundial até agora não foi para o ar. Sabe-se que seu "cast" será formado com antigos elementos da extinta Rádio Clube.

★ A dupla radiofônica Venâncio e Corumba está fazendo sucesso no teatro de revista.

★ Áurea Dornel foi para Portugal e depois rumou para a Suiça. Voltará breve ao microfone da Tamoio.

★ Dantas Ruas terá um programa com seu nome na Guanabara. Será transmitido no horário da antiga audição comandada por Jonas Garret.

O QUE VAI PELO RÁDIO

★ A Nacional está apresentando um bom programa aos domingos no horário das 11,30: "Tudo Acontece na Vida". Entre outros astros da E-8, participa dessa audição o excelente cantor Alcides Gerardi.

★ A Associação das Emissoras Paulistas participou com brilhantismo das comemorações do 9 de julho, em São Paulo, contribuindo com um movimentado programa para maior realce daquela data.

★ José Lombardi Filho atua tôdas as quarta-feiras, acompanhado de seu conjunto, na "Parada Musical", audição diária de Luís de Carvalho ao microfone da Rádio Globo.

★ Oscarito vai fazer um programa de auditório, aos domingos, na Rádio Tupi, além de atuar, também aos domingos na Televisão Tupi.



Hélio Chaves: dia a dia mais popular. Atua na **Mayrink Veiga.**

O MISTÉRIO DE DORIS DAY

(Cont. da pág. 36)

somos todos u'a **família** no estúdio, u'a família profissional que trabalha num único objetivo: a confecção de filmes. Não há, pois, público pròpriamente dito para assistir à minha atuação frente às câmaras.

Bastante lógica a explicação de Doris Day. Mas, com isto, ela está perdendo uma verdadeira fortuna, pois o «Palladium» de Londres ofereceu-lhe 30.000 dólares para uma temporada de poucos dias naquela famosa casa de espetáculos! Mas Doris tem outros planos porque sabe agora que sua verdadeira vocação é mesmo o cinema. Acaba de fundar com seu marido uma companhia produtora que tomou o nome dêle — «Martin Melcher Productions» — e para a qual fará uma película por ano, iniciando-se com a comédia musical «Yankee Doodle Girl», já em ensaios.

— O mais engraçado em tudo isso, — comenta Doris — é que, como ainda estou sob contrato exclusivo da Warner, a «Martin Melcher Productions» terá de preencher uma série de formalidades para obter os meus serviços. Assim, a Warner só me **emprestará** ao meu marido mediante o pagamento por êle da mesma importância que qualquer outra companhia produtora teria de pagar...

A «Martin Melcher Productions» pretende realizar apenas musicais com Doris, pois ela mesma não tem a menor ambição dramática, embora a Warner confie no seu talento e a tenha aproveitado em dois filmes séries: «Storm Warning» (a história da Klu-Klux-Klan), com Ginger Rogers e «The Winning Team» (um tema de baseball), com Ronald Reagan.

— Mas a minha correspondência acusa que foram os meus maiores fracassos... — declara Doris com a sua costumeira sinceridade. Todos perguntavam uma coisa lógica:se **ainda sou cantora porque tentar «bancar» a Bette Davis?**

Como prova de que cada um deve se limitar às suas verdadeiras possibilidades, a «estrêla» cita Marlon Brando, seu ator favorito.

— Êle estava maravilhoso em «Uma Rua Chamada Pecado» e «Viva Zapata» porque era o seu tipo de papel. Já em «Júlio César», o seu **Marco Antônio** não me convenceu...

Sôbre programas de televisão, Doris declara que não tem plano algum para os mesmos, como fôra propalado. Ela acha que...

— ... televisão é um meio, não um fim. Nunca será uma arte completa como o cinema. Pelo menos, só me tem sido útil para me fazer dormir. Quando estou sem sono, ligo o aparelho que tenho no quarto e fico assistindo aos programas até adormecer...

A casa de Doris em Westwood é simples como a sua dona. Nada dos aparatos luxuosos ou exóticos de uma residência tìpicamente hollywoodiana. A única «estravagância» é a piscina, pois Doris não coleciona peles de leopardo, nem objetos raros. No lar é apenas a mulher, a espôsa, a mãe, a filha. Embora use fabulosas roupas nos filmes, pessoalmente prefere a simplicidade de um par de «blue-jeans» e uma blusa esporte bem velha. Daí o seu entusiasmo pelo papel de «Calamity Janes» do cinema. Nesse filme, Doris interpreta a canção «Secret Love», que acabou sendo premiada com um «Oscar» como a melhor de 1953. Em «Lucky Me», seu primeiro musical em Cinemascope, Doris apresenta outro «big-hit»: a melodia «I Speak to the Stars», da qual possuía diversos discos em casa, quando lá estivemos. Num impulso bem próprio da sua pessoa, a «estrêla» apanha as gravações e dá uma a cada jornalista presente, autografando-as nominalmente.

— E' para que se lembrem de que voltei a ser feliz, — diz ela quando nos despedimos. — Porque, afinal, ainda tendo que dar graças a Deus por muita coisa! Quando vejo «estrêlas» lindas como Elizabeth Taylor e Ursula Thiess ou atrizes soberbas do quilate de Barbara Stanwick e Shirley Booth, fico a pensar: **o que estou EU fazendo no cinema com tôdas estas sardas ?**

AS DOENÇAS DO CORAÇÃO TÊM CURA?

Por que sofremos? Por que esperamos?

Os doentes que esperam são marcados pelo sofrimento e pela doença. A doença do coração é uma coisa tão inexplicável, que não percebemos a razão por que não hei de curar-me inexplicàvelmente... diz o incrédulo...

Se queremos ter uma fé qualquer, e sem uma fé não podemos viver, temos que aprender a aceitar, que detrás daquela porta do INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO, desponta uma cura milagrosa para o vosso coração. Temos conosco a experiência técnica, as fontes de informações e dos conhecimentos requeridos para apanhar os fatos que você precisa. Com novos métodos de diagnóstico... novos métodos de pesquisas... aparelhagem novíssima... fórmulas que diminuem os tempos da doença... e que vos darão mais anos de vida.

INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO

Departamento: "PRAIA" — SANTOS: CAIXA POSTAL, 1.103
Rua Floriano Peixoto, 8 — Santos — Estado de São Paulo

Queiram enviar-me uma solicitação de exame e tratamento em sua própria casa — pelo novo método de nosso Instituto.

NOME: ....
(Favor escrever em letra de fôrma)
ENDERÊÇO ....
CIDADE .... ESTADO ....

HISTÓRIAS QUE NÃO FORAM FILMADAS

A SORTE DE ÁGATA

O pequeno restaurante de Charly era o melhor lugar do mundo para se fazer um regime de emagrecimento, porém as moças das lojas Barcklay e da Agência Richmond, não o freqüentavam para êsse fim. O que as atraía era Madame Olga, uma emigrante russa que costumava almoçar com elas gabando-se sempre de saber ler as mãos e adivinhar o futuro de qualquer pessoa.

No dia que começa nossa história, as moças estavam sentadas em tôrno de uma grande mesa, quando Madame Olga aproximou-se. Era uma mulher gorducha, com dois olhos brilhantes e o rosto branco como o marfim.

— Essa amiga nossa veio aqui sòmente para consultá-la — disse Freda Harter para Madame Olga. Perguntou ela:

— Que deseja saber esta moça?

Ágata Neil esboçou um sorriso e respondeu ela mesma:

— Gostaria de saber se terei alguma chance na vida...

— Dê-me sua mão, menina — falou Madame Olga, e Ágata estendeu sua mãozinha muito branca. A quiromante não falava muito sôbre o futuro, mas demorava-se em analisar o caráter da pessoa.

— Tens uma linda mãozinha — disse a russa — com o seu sotaque que era muito divertido. Marta Bates começou a rir. Marta era a mais linda daquele grupo de moças e também a mais hábil. Possuía cabelos louros, olhos grandes e azuis, uma bôca pequena e vermelha, uma figura esbelta e um ar de superioridade que lhe ficava bem. Madame Olga parecia zangada com aquela interferência, porque voltou-se para Marta e repreendeu-a:

— És muito atrevida, pequena. Já te disse que és pouco gentil para com tuas amiguinhas e não usas sinceridade com ninguém. Ainda vais sofrer muito com isso.

— Mas a senhora lendo a minha mão disse que eu seria muito feliz na minha vida — disse Marta, olhando para as companheiras com ar de desafio.

A quiromante fixou seu olhar no rosto daquela moça sem coração.

— Sim... eu disse isso... saberás tirar muita coisa da vida, porém não alcançarás a felicidade porque és muito mentirosa...

As moças riram. A sinceridade não era de fato uma das virtudes de Marta. Não que ela fôsse má, porém gostava de mentir mesmo nas menores coisas. «Como é possível ser sincera — dizia ela — quando a vida é tão banal e cinzenta? Quando se vive numa família pobre como a minha, num modesto e longínquo bairro? E trabalha-se na Richimond?»

Ágata, que estava com a sua mão virada para cima, olhava Madame Olga como se esperasse ouvir da quiromante qual seria o seu destino. A russa tomou sua mão outra vez. Ágata não era nenhuma beleza, mas ninguém poderia dizer que era feia. Seu rosto era simpático, seu sorriso aberto e cordial. Seus olhos eram brilhantes, sòmente sua bôca era grande demais para aquêle rosto pequeno; tinha um corpo bem feito, embora sempre vestisse trajes mal acabados. Tôdas as moças queriam-na muito, por seu caráter franco, porém nunca a convidavam para festas entre pessoas alegres e distintas. Madame Olga fechou os olhos, pigarreou e disse:

— Vejo para ti um belíssimo futuro... terás um bom marido e uma sorte inesperada...

— Quer dizer então que vou casar com um homem rico? — indagou Ágata, que jamais havia conhecido um homem rico...

— Não... casarás com um homem pobre, mas a sorte chegará para ti muito antes, repentina e inesperada...

— Isso quer dizer que o rapaz casará com ela pelo dinheiro... — insinuou Marta, sorrindo.

— Não — falou Madame, séria — vejo um amor verdadeiro — dois corações que se encontram...

— Puxa... que lindo romance! — disse Marta, sempre irônica.

Madame Olga lançou-lhe um olhar cheio de raiva, levantou-se e deixou a mesa. As predições da adivinha não deixaram de perturbar Ágata. Teria ela falado a verdade? E nesse caso o homem de seu destino não poderia ser Charly Johnson?

. . . .

Há um ano, desde que assumira seu lugar na Richmond, que Ágata nutria uma paixão oculta por Charly, tão oculta que não queria confessá-la nem a si mesma. Charly não era o tipo com que muitas moças sonham para seu príncipe azul. Era um homem tímido e quieto, morava com sua irmã no subúrbio Astorio, e todo o ordenado dêle era absorvido pelo orçamento familiar. Ágata sabia dessas coisas pois êle mesmo lhe havia contado quando se encontravam no «metrô» e caminhavam juntos dali até o escritório. Tempos depois ela descobria que êle a olhava sorrindo e, talvez, quem sabe, pensou a moça, aquêles encontros não seriam forjados pelo rapaz?

Apesar da profecia de Madame Olga, Marta passava a vida muito bem, era a mais afortunada entre aquelas moças, mesmo que as aventuras cheirassem mal... Uma dessas aventuras ela ocultou das colegas. Ela encontrara-se, então, com o sr. Pigge. Em primeiro lugar achava o nome muito ridículo, e depois, o senhor Pigge era um velhote bom e muito gentil, porém nada enxerido.

Assim tinham acontecido as coisas. Um dia, Marta saindo da Richmond entrou na biblioteca pública com a intenção de procurar numa revista feminina um molde para seu vestido novo. Mas, o salão das revistas estava cheio de gente; homens e mulheres consultavam moldes, falavam sôbre modas e outros assuntos. Marta achou aquêle lugar um tanto enfadonho, porém distinto e viu logo que poderia dizer as amigas: «Eu freqüento a biblioteca do Estado». Isso lhe daria uma importância e por êsse motivo resolveu voltar ali tôdas as vêzes que não tinha nada a fazer.

Folheou sem levantar os olhos quase tôdas as revistas de um ano, e chegava às últimas páginas quando notou — ao bocejar discretamente — que estava sendo observada. No mesmo momento o velho senhor que estava sentado à sua mesa, dirigiu-lhe a palavra:

— Tenho prazer em ver — disse êle — que uma jovem como a senhorita sabe encontrar tempo para leituras.

Marta sentiu-se lisonjeada e respondeu:

— Ler é a minha paixão, e teria muito prazer em aumentar a minha cultura, se tivesse tempo.

— Ótimo — falou o velho — é uma aspiração que lhe diz respeito. Depois êle levantou-se e Marta vendo que demorava a colocar o sobretudo, num ímpeto de generosidade, ajudou-o.

Saíram juntos.



O senhor Pigge era um velho de conversação agradável, gentil e inteligente...

COMO APRENDER A DANÇAR



5ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 —— São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo.

A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

— Acompanho-o com prazer — disse Marta — se o seu carro não estiver muito longe.

— Não tenho carro — respondeu êle — moro aqui perto e faço todos os dias o trajeto a pé, para dar um passeio antes de voltar à casa. Se não se incomoda eu a acompanharei. Para onde vai?

— À estação metropolitana, mas não queria abusar de sua gentileza — falou Marta.

E foram caminhando devagar e conversando. A conversação do velho era agradável, gentil e inteligente. Marta no começo havia pensado em mentir, porém depois imaginou que não valia a pena, pois não tinha intenção alguma de dar um golpe naquele homem velho, simpática múmia, como ela o chamava e além do mais julgava-o, pelo terno, um modesto funcionário aposentado. Assim lhe falou de Corona, o bairro onde residia, de sua numerosa família, de Richmond, das suas amigas e do pequeno restaurante de Charly. O velho ria e parecia divertir-se com aquelas histórias. «Estranho — pensava Marta — como a gente simples contenta-se com tão pouca coisa...»

No momento da despedida o velho disse, apertando-lhe a mão:

— Agradeço-lhe muito, senhorita. Você ri de uma maneira tão linda e a sua alegria é como um sôpro de juventude que faz muito bem ao coração. Espero revê-la o quanto antes na biblioteca.

No dia seguinte Marta descreveu às companheiras o encontro na biblioteca, mas silenciou sôbre o velho, colocando em seu lugar um moço que a sua fantasia fêz com que tôdas o comparassem a Gregory Peck. E, acrescentou:

— Espera-me também esta noite. É um verdadeiro senhor!

E assim, um pouco para se mostrar as amigas, dirigia-se sempre para a biblioteca. Fascinava-a também a cordialidade do velho. Dêsse modo tiveram muitos encontros. Foi numa dessas noites, quando terminavam o costumeiro passeio, que o senhor lhe disse:

— A senhorita já reparou que ainda não fomos apresentados um ao outro? Eu me chamo Pigge. James Pigge.

Marta esforçou-se para não rir.

— Eu — respondeu Marta — chamo-me... — interrompeu-se, hesitando. Por que iria dizer seu verdadeiro nome ao velhote? E se êle a fôsse procurar na Richmond? Pensava muito no que poderiam dizer suas amigas. Certamente brincariam com ela. Então completou a frase:

— Meu nome é Ágata Neil.

— Ágata? Que lindo nome! — disse o velho. — Talvez um pouco antiquado, porém muito romântico... E assenta-lhe bem...

Marta pensou: «Antiquada e romântica... logo eu... é mesmo para rir». Despediu-se do velho e como dias depois encontrasse um rapaz disposto a oferecer-lhe o coração e algumas flores, Marta não viu mais o senhor Pigge e tôdas as vêzes que lembrava-se dêle, punha-se a rir. Quando a coisa aconteceu, ela tinha esquecido quase completamente o ridículo senhor James Pigge.

. . . .

Foram Pearl e Lucille que, precipitando-se uma manhã em sua casa, contaram-lhe a notícia sensacional!

— Chegou uma carta para Ágata... registrada... Oh! Uma coisa comovente... um velho deixou-lhe dez mil dólares no seu testamento.

— Que velho? De que vocês estão falando? — indagou Marta, sem compreender o nervosismo das duas colegas.

— Um tal que conhecia Ágata. Tinha setenta e oito anos e morreu na sua casa da rua 66, deixando no testamento uma cláusula inteiramente dedicada à Ágata. Nós lemos com nossos próprios olhos. Dizia assim: «À minha jovem amiga Ágata Neil, de Corona, que trabalha na Agência Richmond, e que é antiquada, graciosa e romântica como o seu nome, deixo dez mil dólares em lembrança de sua bondade para com um velho solitário».

— Como disseram que se chamava o velho? — perguntou Marta.

— Pigge... James Pigge. Um homem muito rico e sem família. Deixou muito dinheiro para os institutos, empregados, a secretária e às pessoas com quem fizera amizade.

— Mas sou eu a moça que êle conhecia... Êle deixou êsse dinheiro para mim... Ágata não tem nada com isso... Êle era meu amigo, estive com êle muitas vêzes na biblioteca — falou Marta, começando a agitar-se para convencer as companheiras e enfurecia-se por não conseguir o seu objetivo.

— Deixe de dizer mentiras — disse Lucille. — O dinheiro de Ágata é sòmente dela. Êsse Pigge era um homem velho e tu sempre nos disseste que teus amigos eram moços. Depois, nunca nos falaste dêle. Achas então que acreditamos nas tuas piadas?

Marta foi falar com Ágata.

— Conheceste um velho chamado Pigge?

— Acho que sim — respondeu Ágata que estava muito confusa com as emoções daquele dia. — Eu sempre conheci homens velhos, pois costumo falar com êles no Metropolitano e sempre ajudei-os a atravessar às ruas.

— E por isso deveriam deixar-te 10 mil dólares ?

— Poderia acontecer uma vez...

Marta não querendo dar-se ainda por vencida foi falar até com o tabelião, contando-lhe as suas razões, porém êle recusou-se a ouvi-la, e muito menos acreditar no que ela dizia, declarando que o seu cliente não poderia ter-se enganado. A descrição era perfeita: «Moça romântica, antiquada e graciosa». Isso adapatava-se muitíssimo bem à Ágata e não correspondia de maneira alguma à ela...

Foi essa a última tentativa que Marta fêz para reclamar os seus direitos. Ágata que tinha bom coração chegou a falar com as colegas sôbre a possibilidade de Marta, pela primeira vez em sua vida, estar dizendo a verdade, porém só conseguiu arrancar risos e críticas. Ninguém acreditava em Marta.

. . . .

— Suponho que agora deixarás o emprêgo — disse-lhe Charly, um dia.

— Nada disso — respondeu Ágata — continuarei aqui como antes, e com o dinheiro melhorarei a situação de minha família. E depois...

— Ah! Se tal sorte tivesse chegado para mim, teria feito uma coisa que há muito tempo vive guardada no meu coração.

— Que teria feito? — perguntou Ágata, curiosa.

— Teria casado com a moça a quem amo... Mas, agora você ficou rica e eu continuo pobre... Não, Ágata... Não convém sonhar... É grande a distância que nos separa!

— Há sempre um meio para se entrar num acôrdo — disse Ágata, com adorável simplicidade.

E falando dêsse acôrdo todos os dias, concluíram numa bela manhã, casando-se na Igreja de Santa Felícia. Tôdas as moças da Richmond e da Barcklay foram levar parabéns e votos de felicidades ao jovem casal. Tôdas, menos Marta.

. . . .

Muitas delas até hoje ainda vão almoçar no pequeno restaurante de Charly com a esperança de encontrar Madame Olga, mas a adivinha parece não estar mais disposta a seguir o regime de emagrecimento daquele restaurante popular.

Contudo, elas esperam-na confiantes.

Não fôra ali que Ágata tivera a revelação de sua inesperada sorte?

(Conto de **S. Wilson** * Tradução de **Rina Engwer**)

SELOS — COLEÇÕES

COROAÇÃO ELIZABETH II — conjunto 106 selos — Cr$ 1.000,00
VISITA REAL — conjunto 15 selos — Cr$ 250,00

ATENDE-SE PELO REEMBÔLSO POSTAL

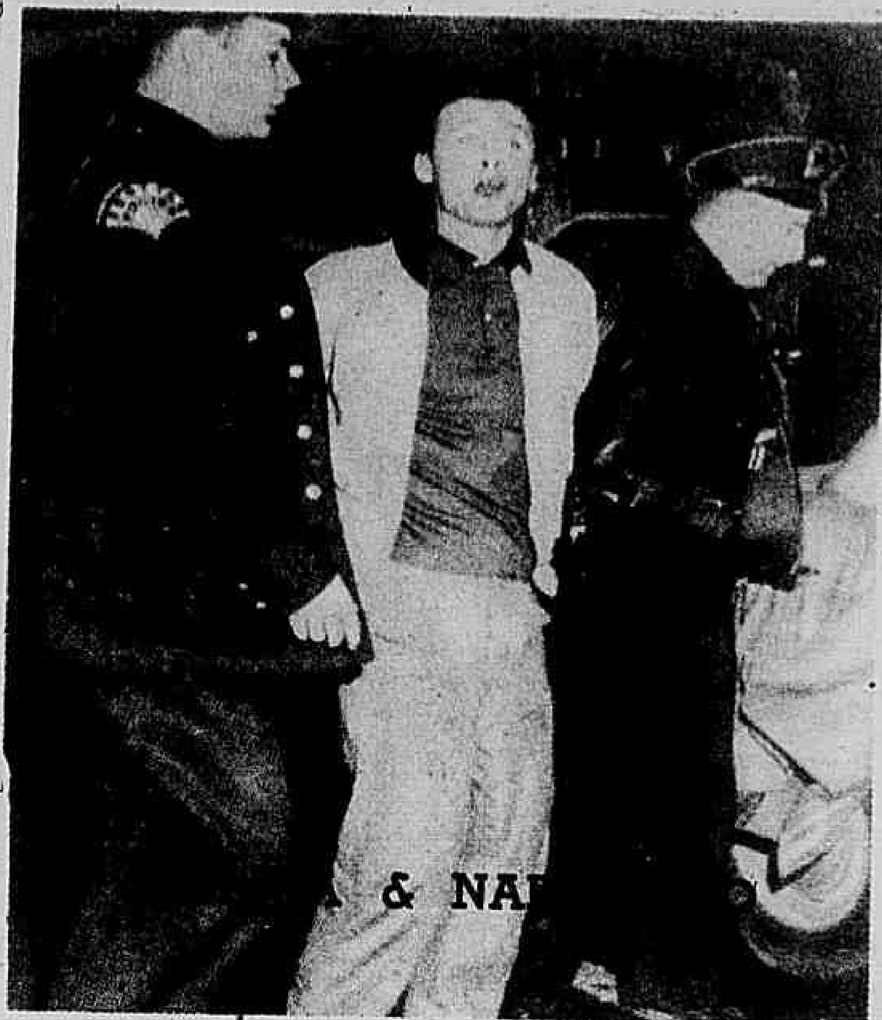
NINO ALDO CÓDA

Rua do Carmo, 5º andar — Rio de Janeiro

PELE MÁ?

Verdadeira bomba atômica — poderosa fórmula russa que está revolucionando o tratamento de beleza em todo o Brasil, Europa e Estados Unidos, sendo a única no gênero que elimina em uma semana, com absoluta segurança: manchas de qualquer natureza, panos, sardas, espinhas, rugas, «pés de galinha», queimaduras graves, quaisquer imperfeições da pele, fechando completamente os poros. Esta fórmula, verdadeira maravilha do século, é eficaz no combate às papadas (olhos e pescoço), extingüindo a flacidez e o emurchecimento da pele. Milhares de pessoas o atestam.

Experimentem! Atende-se pelo Reembôlso Postal ou aéreo para MARIA BLANCO. Rua General Glicério, 445 - apt. 303. Informações pelo telefone 25-9590 — D. Federal. Preço Cr$ 450,00 sem o porte.



Stan Getz, um dos mais famosos saxofonistas dos Estados Unidos, quando era prêso a porta de um «drogstore» em Seatle, por forçar um empregado daquele estabelecimento a lhe fornecer narcótico. Pela expressão do seu rosto, podemos notar que, no momento da prisão, êle atravessava uma das crises de alucinação por que passam os viciados em entorpecentes, quando privados do tóxico. Getz, que foi levado para um hospital, onde se submeteu a rigoroso tratamento, já está completamente restabelecido e livre dêsse vício que vem se alastrando de maneira aterradora, já tendo levado a hospitais e prisões, diversos nomes famosos.

TÓPICOS

A União Brasileira de Compositores lançará no mercado a marca «UBC». ★ Eddie Fisher, um dos mais populares cantores na América do Norte, apareceu há dias atrás no famoso «Carnegie Hall», cantando acompanhado pela não menos famosa Orquestra Sinfônica «Pops» de New York. ★ Completamente restabelecido, voltou ao rádio e aos discos o cantor Ciro Monteiro. ★ «É Sempre o Papai», música dedicada ao «Dia dos Pais», que no ano passado levou multidões às lojas de discos (fato sem precedentes na história da nossa fonografia), êste ano será gravada por diversas fábricas. ★ Nat «King» Cole, acompanhado ao órgão pela sua mãe, gravou um álbum de cânticos religiosos. A renda obtida com a venda dos discos, será em benefício da Igreja Batista onde o pai de Nat é pastor. ★ Elizete Cardoso gravará uma coleção de músicas de Noel Rosa. Ótima notícia. ★ Fazendo sucesso a marcha de carnaval «Sacarrolha», gravada em tempo de tango por Aloísio e Seu Conjunto. ★ Mário de Azevedo, bom pianista de valsas e tangos brasileiros, gravou um LP na Sinter com músicas de Eduardo Souto. ★ Dimitri Tiomkin, compositor de temas musicais para filmes, entre os quais «High Noon», «Portrait of Jennie», «Blowing Wild» e outros, gravou um álbum na Decca chamado «Tiomkim toca Tiomkin». ★ «Kalu», conhecido baião de Humberto Teixeira gravado por Dalva de Oliveira, foi agora lançado na RCA por Eartha Kitt com o nome de «Señor».



JUNE CHRISTY

BELDADES DO DISCO (Nº 1)

Ex-vocalista da Orquestra de Stan Kenton, agora gravando isoladamente para a Capitol.

OUVIMOS E ACONSELHAMOS

O AMOR ACONTECE — **Dolores Duran** (Copacabana); I LOVE YOU — **Frank Sinatra & Billy May** (Capitol); OUTRA VEZ — **Dick Farney** (Continental); FULANA DE TAL — **Jorge Goulart** (Continental); BLUES IN THE NIGHT — **Rosemary Clooney** (Columbia); VELHO AMOR — **Lúcio Alves** (Continental); ALONE TOGETHER — **Jackie Gleason** (Capitol); IF I LOVED YOU — **Billy Eckstine** (M.G.M.); DISTÂNCIA — **Roberto Inglez** (Odeon); MEIGUICE — **Severino Araújo** (Continental); IVANHOÉ — **Al Goodman** (RCA Victor).



ÊLE TAMBÉM É FÃ...

Bing Crosby, um nome imortal na música norte-americana, revelou a certo cronista seu amigo, quais os seus cantores preferidos. No setor masculino, Crosby acha que Perry Como é admirável com sua voz e estilo, frisando que também nutre admiração pela maneira de cantar do cômico Danny Kaye. Entre as vozes femininas, afirmou que possui todos os discos gravados por Ella Fitzgerald, que julga a melhor cantora que ouviu até hoje, embora esteja tomado de grande entusiasmo por Rosemary Clooney.

RETRATO



De um modo geral, as crianças artisticamente precoces, não conseguem manter sua carreira com o correr dos anos. Lúcio Alves foi uma exceção. Iniciando sua amizade com o microfone aos 10 anos de idade em programas infantis (como são aborrecidos!), Lúcio ao chegar 1941, juntamente com outros rapazes, organizou o conjunto vocal «Namorados da Lua», que chegou a obter bom êxito. Atuou com o conjunto na Tupi e Nacional. Alguns anos depois desligou-se do grupo, aceitando um convite para excursionar pelos Estados Unidos com «Os Anjos do Inferno». De volta ao Brasil, em 1947 assinou contratos individuais com rádio e disco. «Solidão», disco gravado pelo sistema de montagem, foi colocado à venda. A orquestra que o acompanhava era Charles Walcott, dos estúdios de Walt Disney. Sua voz aveludada e seu estilo dolente e romântico, começaram a falar de perto aos corações apaixonados. Pertenceu por muito tempo ao «cast» da Rádio Tupi, emissora que deixou pela Nacional. Grava com exclusividade para a fábrica Continental, sendo um dos maiores nomes daquela etiquêta. Foi cedido à Sinter para uma série de gravações. Lúcio Ciribeli Alves nasceu em Cataguazes, Minas, em 28 de janeiro de 1925. É solteiro, situação que deverá ser mudada muito em breve. É exímio violonista, ardoroso fã de Frank Sinatra. Sua maior paixão, excetuando-se «alguém», é a música...

★ DISCOS ★ DISCOS ★ DISCOS ★ DISCOS ★ DISCOS ★ DISCOS ★ DISCOS ★ DISCOS ★ DISCOS ★



MEU TIPO INESQUECÍVEL

Por LESLIE CARÓN

Não é muito fácil para uma atriz de cinema destacar entre os seus filmes o tipo que mais lhe agradou. Nós geralmente lemos várias histórias que não chegam a ser filmadas e acontece também que papéis reservados para nós, pelo estúdio, são dados a outros colegas. Comigo já aconteceu apaixonar-me por um tipo numa história escrita para o cinema e vê-lo nas mãos de outra. São coisas da profissão e se acontecem, independem de nossa vontade.

Pediram-me para indicar o meu tipo inesquecível nos filmes que já fiz em Hollywood. Não foi muito difícil responder que «Lili» deu-me alegria e satisfação como artista, pois gostei imensamente de vivê-la no filme de mesmo nome. E sabem porque gostei de «Lili», e porque ela continuará sendo meu tipo inesquecível? E muito simples. «Lili» é uma figura humana que foi usada na fantasia para transmitir uma mensagem aos homens de bom senso. Adorei o papel e teria gôsto de repeti-lo muitas vêzes. Será difícil encontrar outro em minha carreira. Eu sei disso. E sei também que filmes como «Lili» demoram a vir, embora na vida real histórias iguais se desenrolem todos os dias com as mesmas personagens que se tornam inesquecíveis.

balzaquiano (sim) porém ainda ágil



O Errol Flynn dos primeiros anos de Hollywood, verdadeira sensação como espadachim da tela...

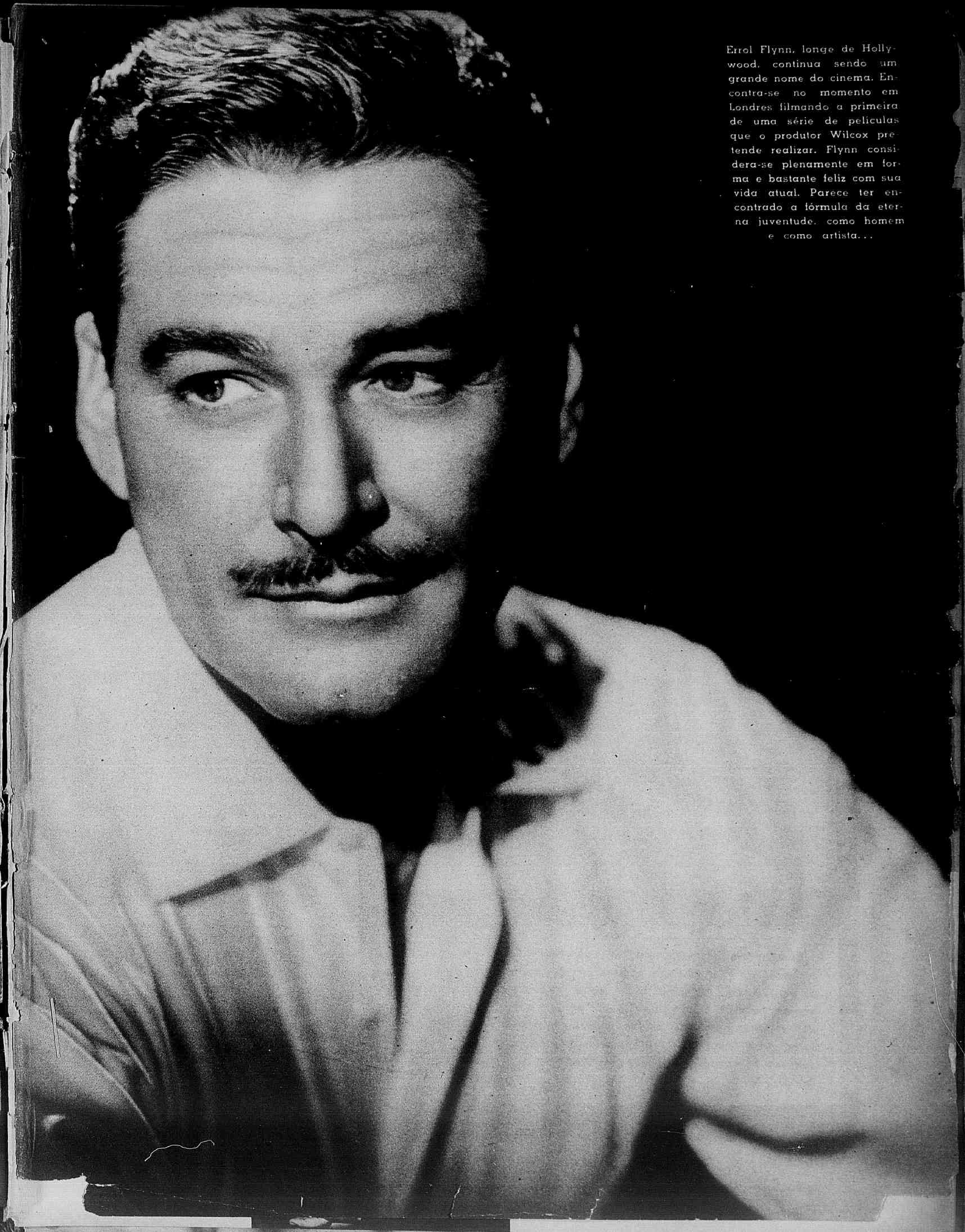
Por RUSS PARKER

TIVE um encontro rápido com Errol Flynn, recentemente, em Londres. Êle chegava de uma viagem pelas Américas, com alguns dias no Brasil, e atendia a um convite feito por Herbert Wilcox para fazer alguns filmes nos estúdios britânicos. Estava alegre, bem disposto e falante. Disse-me logo depois do abraço formal e das clássicas perguntas sôbre Hollywood, que atravessava uma grande fasè de sua carreira. Medito agora um pouco na verdade de suas afirmativas. Acompanhando há longos anos a carreira de Flynn e sendo seu amigo mais ou menos íntimo, bem posso avaliar a razão de sua alegria. Flynn tem, à exemplo de Orson Welles, o seu descontentamento com Hollywood e paga a indiferença da cidade do cinema para com sua sorte como artista, filmando cada vez mais no exterior, esquecendo-a, ao que parece, em definitivo. Da rápida palestra que mantive com meu amigo Flynn no aeroporto, pude deduzir que êle não voltará tão cedo aos Estados Unidos e pela sua maneira franca de analisar a atual situação do cinema americano, creio que não sentirão muita falta dêle... Compreendi que Flynn deplora certos critérios da censura e desaprova alguns métodos empregados para manter alto o valor da produção. Não sei se vocês sabém, porém Flynn

(Continua na página 32)



Na Itália êle foi o astro de «Il Maestro Di Don Giovanni», ao lado de Lollobrigida, o busto...



Errol Flynn, longe de Hollywood, continua sendo um grande nome do cinema. Encontra-se no momento em Londres filmando a primeira de uma série de peliculas que o produtor Wilcox pretende realizar. Flynn considera-se plenamente em forma e bastante feliz com sua vida atual. Parece ter encontrado a fórmula da eterna juventude, como homem e como artista...



Quem faz a continuidade desta seção de «A CENA» é a famosa «estrêla» da Warner Bros. Virginia Mayo, rainha do «glamour» e do «sex-appeal» nos estúdios de Burbank. Nem mesmo quando foi mamãe pela primeira vez, Virginia perdeu em plástica para as mais famosas «estrêlas» de Hollywood. Ela possui um método especial para conservar as linhas e deverá reinar ainda por muitos anos no coração dos fãs, encantamento que é aos olhos de todos...



O MELHOR DE CECILE AUBRY

Quando apareceu no cinema francês interpretando o principal papel feminino de "Anjo Perverso", argumento baseádo em "Manon Lescaut", Cecile Aubry firmou-se desde logo como uma artista de muito talento, personalidade e risonho futuro. Seu melhor papel nos filmes foi mesmo aquêle, porque não foi feliz na versão de "O Barba Azul" e tenta agora uma reabilitação no cinema italiano ao lado do cômico Renato Rascel. A própria Cecille não conseguirá esquecer seu papel em "Anjo Perverso", quando se tornou querida dos fãs com o seu tipo "mignon", porém atraente...



Sempre LIBERTAD

Afastada há longo tempo do cinema argentino, Libertad Lamarque radicou-se em definitivo no cinema mexicano onde encontrou ambiente para filmar continuadamente exibindo seu talento dramático e o seu dom maravilhoso: a voz!

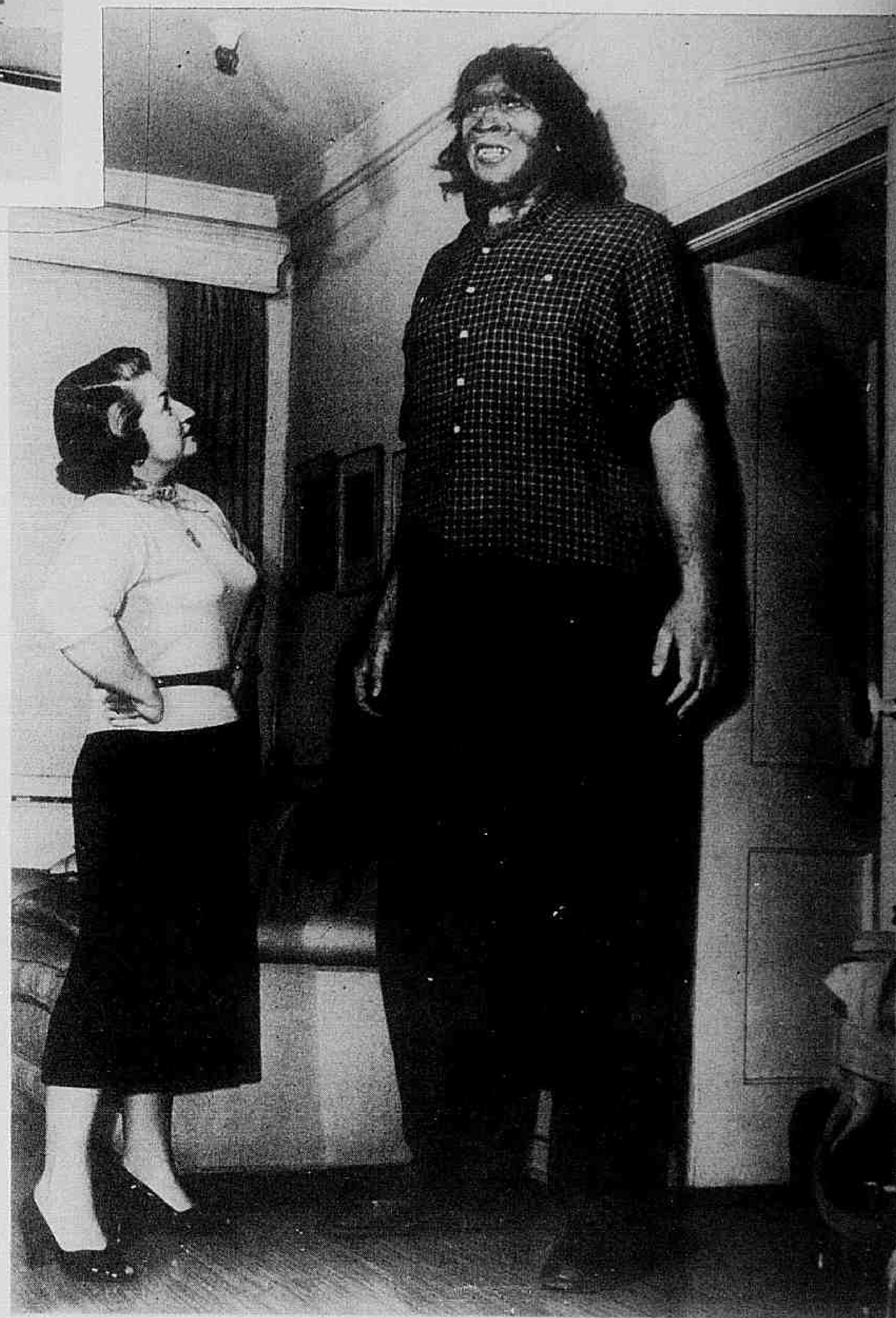
Cada novo filme seu é uma afirmativa de que ela melhora como atriz e supera-se como cantora. Já não sabemos mais se admirá-la como uma coisa ou outra, porém, que importa isso, se Libertad é única na sua arte?

Para poder aplicar o «make-up» e a cabeleira no gigante, o maquilador e sua ajudante precisam do auxílio de uma cadeira...



A CURTA CARREIRA CINEMATOGRÁFICA DE UM GIGANTE

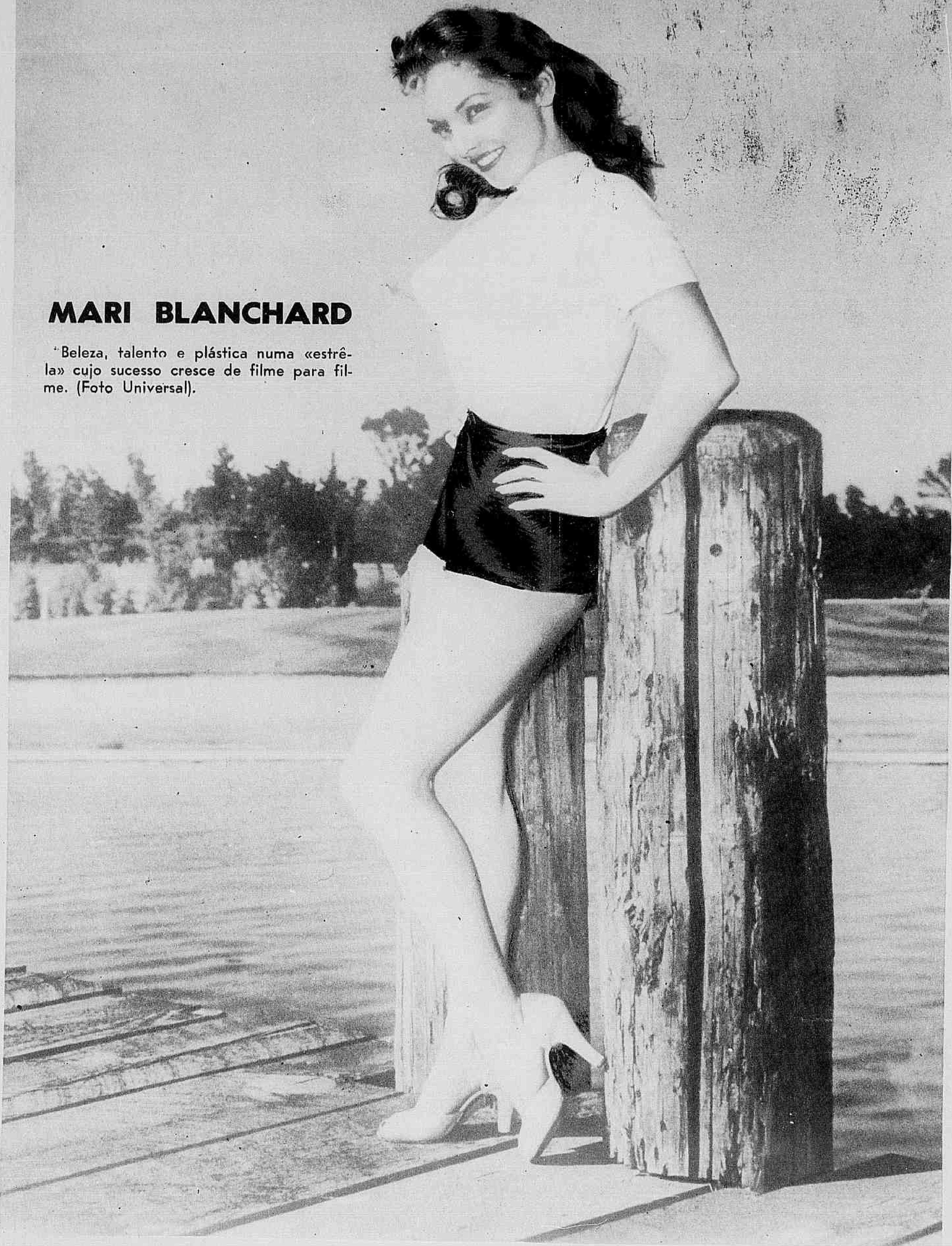
Quando o produtor Sam Katzman, da Columbia, precisou de um gigante para aparecer no papel do enorme gorila no seu filme «Killer Ape», mandou que procurassem em todo o país o maior «homem que pudessem encontrar». Foram percorridos os circos e feiras de amostras, os clubes esportivos e as associações atléticas. Afinal, apresentou-se à própria Columbia o fazendeiro Max Palmer, de 2,68 de altura, que encerrou a busca. Palmer nunca havia trabalhado no cinema, mas Sam Katzman não se importou: contratou-o imediatamente. Enviado ao departamento de maquilagem, o gigantesco herói foi logo transformado no «homem gorila», passando a contracenar com Johnny Weissmuller, o ex-Tarzan que, embora medindo 1,92 de altura, parece um anão ao lado de Max Palmer! O jovem fazendeiro — que conta apenas 26 anos — não gostou, porém, da carreira cinematográfica e diz que «Killer Ape» será o seu primeiro e último filme. «Fazem-me ficar de pé muito porque não têm «stand-ins» do meu tamanho!» — queixou-se êle a um repórter, enquanto devorava um dos 12 ovos que toma tôdas as manhãs antes do almôço...



A cabeleireira June Roberts compara a sua altura com a de Max Palmer, contemplando a sua obra: a cabeça do «homem gorila». Para conseguir êsse físico avantajado, Max engole tôdas as manhãs a bagatela de doze ovos quentes. Diz êle que isso abre o apetite...

O jovem fazendeiro de 26 anos de idade e 2,68m não é tão «feio» sem a sua caracterização cinematográfica de gorila matador...





MARI BLANCHARD

Beleza, talento e plástica numa «estrêla» cujo sucesso cresce de filme para filme. (Foto Universal).